

PEDRO RAUBER SIRANGELO

**ANÁLISE DA ALTERAÇÃO DA CLASSE SOCIAL
PREDOMINANTE NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL A
PARTIR DO JORNAL CORREIO DO POVO: O
GRÊMIO E A REELITIZAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em História junto ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: prof. Dr. César Augusto Barcellos Guazzelli

PORTO ALEGRE

2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais que devido aos seus esforços me proporcionaram condições para me dedicar ao que gosto de fazer, mas também pela exemplar influência, que em grande parte se espelha na minha essência.

Às pessoas que de alguma forma me auxiliaram na construção da pessoa que me constituo hoje: Fabiana, Carlos, Maria Vergínia, Vera, Adélia e Luiz.

Devo este trabalho a César Augusto Barcellos Guazzelli, meu orientador, que com perspicácia e pertinência me auxiliou na construção das principais idéias e também no apontamento e na correção dos erros cometidos na primeira redação.

À Paula, que com paciência me apoiou na feitura deste trabalho, nos momentos em que a falta de tempo era iminente, mas também com sua contribuição no resumo e nas questões freudianas.

Aos amigos, pelo processo de desanuviamento mental obtido a partir de conversas sobre os mais variados âmbitos, e que permitiram alguma lucidez neste texto.

Gostaria de agradecer também ao Memorial do Grêmio, especialmente a Dona Ema, quem me permitiu acesso a materiais de difícil disponibilidade.

A todos supracitados, novamente, muito obrigado.

RESUMO

Resumo: Este trabalho teve como ponto de partida a observação do crescimento exponencial do preço dos ingressos nos estádios de futebol porto-alegrenses. A partir disto e sabendo que as médias de público não têm diminuído, conclui-se que estamos passando por um processo de troca de classe social predominante nas arquibancadas dos estádios de futebol. Trato, no primeiro capítulo, de verificar que este não é um processo inédito no futebol, que surge como objeto da elite, sendo rapidamente incorporado pelas camadas populares, onde permanece por um longo período, interrompido por políticas que se abastecem do argumento da falta de segurança nos estádios, e que encontra nas motivações financeiras seu vital patrocinador. Como estudo de caso, verifico todo o processo de alternância das classes sociais no Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, clube que possui estes estágios bem delimitados e simbolizados pelos seus três estádios de futebol, dois concretizados e um em projeto.

Palavras-chave: História Social do Futebol, Estádio de Futebol, Reelitização.

Resume: This work had as its starting point the observation of the exponential growth in the price of tickets in the porto-alegrenses football stadiums. By also knowing that the average audience has not been declining, we can conclude that we are undergoing a process of exchange in the predominant social class in the bleachers of football stadiums. In the first chapter, I verify that this is not a new process in football, which arose as an elite object but was rapidly incorporated by the working class. This situation remained for a long period of time until it was interrupted by policies that claimed lack of security in the stadiums, but were actually motivated by earning money. My case study was the analysis of the process of alternation in the social class of Grêmio's Foot-Ball Porto Alegre audience. This club went through these changes, which can be symbolized by its three football stadiums: two built and one in project.

Keywords: Social History of Football, Football Stadium, Money Restriction in the Access of Football Stadiums.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 - ALTERNÂNCIAS ENTRE AS CLASSES ALTAS E BAIXAS COMO CLASSES	
PREDOMINANTES NO FUTEBOL	11
ANTES DO FOOTBALL ASSOCIATION.....	11
I. O SURGIMENTO DO FOOTBALL ASSOCIATION.....	13
II. A POPULARIZAÇÃO	16
III. A REELITIZAÇÃO.....	22
CAPÍTULO 2 – O ESTÁDIO DE FUTEBOL COMO PRODUTO DE INTERESSES DA SUA ÉPOCA ..	26
I. O SURGIMENTO DOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL	26
II. O ESTÁDIO NA POPULARIZAÇÃO.....	28
III. O ESTÁDIO DE FUTEBOL NA REELITIZAÇÃO	33
CAPÍTULO 3 – O GRÊMIO E A ALTERNÂNCIA DAS CLASSES PREDOMINANTES ATRAVÉS DE SEUS ESTÁDIOS.....	37
I. O SURGIMENTO DO GRÊMIO NA ELITE PORTO ALEGRENSE.....	39
II. O GRÊMIO CRESCE E SE POPULARIZA	43
III. O GRÊMIO SE REELITIZA.....	48
CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
ANEXO A	59
ANEXO B.....	60
Anexo C.....	61
ANEXO D	62
ANEXO E.....	63
ANEXO F.....	64
ANEXO G	65

ANEXO H	66
ANEXO I	67
ANEXO J	68
ANEXO L	69
ANEXO M	70
ANEXO N	71
ANEXO O	72
ANEXO P	73
ANEXO Q	74
ANEXO R	75
ANEXO S	76
ANEXO T	77
ANEXO U	78
ANEXO V	79
ANEXO X	80
ANEXO Z	81

INTRODUÇÃO

Neste primeiro momento considero pertinente a busca dos motivos que fazem o futebol um tema relevante, tanto para sua prática esportiva quanto como objeto de estudo científico. Para tanto, nos embasaremos em dois autores que se dedicaram a estudar a alteração comportamental da vida em sociedade, dita civilizada, a partir das modificações inerentes ao desenvolvimento do capitalismo, principalmente do século XIX: Sigmund Freud e Norbert Elias.

Freud, em seu texto “O mal-estar na civilização”¹, buscou a resposta para a questão a partir do fenômeno da repressão das vontades individuais em troca de um convívio harmônico em sociedade. Assim, cada elemento constituinte do grande grupo se privaria de alguns instintos não desejáveis por outros elementos, na expectativa de que em resposta, teria alguns direitos reservados em favor de si. Por exemplo, ele reprimiria sua vontade instintiva de agredir alguém para que eventualmente garanta sua integridade perante a violência natural de outros indivíduos.

Adequando-se a este contrato social, no conceito de Rousseau, não significa, porém, que o indivíduo deixe de ter na constituição da sua psique aquela inclinação à violência. De forma que, impossibilitado de expressá-la por sua vontade primária, os mecanismos de supressão desta violência se dirigem a outras áreas. Os esportes, de forma geral supririam esta necessidade humana, e o futebol, dentre eles, é o exemplo de maior adesão, visto que é o esporte mais popular.

Em outras palavras, o desenvolvimento da civilização levou o homem a modificar suas habituais disposições instintivas, uma vez que ela é construída sobre uma renúncia à satisfação completa de certos instintos. Alguns deles, como o de agressão, por exemplo, são induzidos a deslocar as condições de sua satisfação. De acordo o autor em questão, esta reorientação dos objetivos instintivos serve para eludir a frustração do mundo externo, e se dá através do mecanismo que ele chamou de sublimação. E é justamente esta que torna possível

¹ FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

as atividades psíquicas superiores, artísticas, científicas e ideológicas. Para Freud, faz parte da disposição instintiva original do homem a inclinação para a agressão, contudo, para o processo civilizatório, ela consiste no seu maior impedimento. É isto que explicaria os esforços da civilização para estabelecer limites aos instintos agressivos.

Norbert Elias, por sua vez, tratou do tema em seu trabalho intitulado “Deporte y ocio en el proceso de la civilización”.² De forma semelhante a Freud, Elias estudou as transformações causadas pela modificação imposta pelo convívio em sociedade. Seu conceito básico para tal foi o de “processo civilizador” e está assim conceituado:

Vários años de investigaciones, ahora publicadas bajo el título global de El proceso de la civilización, mostraron, para decirlo con brevedad, que la norma social de conducta y de sentimientos, sobre todo en algunos círculos de las clases altas, comenzó a cambiar de manera bastante pronunciada a partir Del siglo XVI y en dirección muy concreta. La reglamentación de la conducta y de los sentimientos se volvió más estricta, más diferenciada y abarcadora, pero también más equilibrada y moderada, pues elimino los excesos de autocastigo y autoindulgencia. Este cambio hallo expresión en un nuevo término acuñado por Erasmo de Rotterdam y que se empleó en muchos otros países como símbolo del nuevo refinamiento de costumbres: el término ‘civismo’ [civility], que luego dio origen al verbo “civilizar” (ELIAS e DUNNING, 1986, p. 33).

E, da mesma forma que para Freud, Elias considera que os esportes assumem um papel fundamental no processo civilizador:

La “deportivización” de los pasatiempos, si se me permite la palabra para designar con brevedad su transformación en deportes en la sociedad inglesa, y la exportación de algunos de ellos a casi todo el mundo, son otros ejemplos del esfuerzo civilizador (ELIAS e DUNNING, 1986, p. 34)

De forma geral, a consequência prática da adoção dos esportes como forma de controle social, ou “esforço civilizador”, foi assim dita:

En esencia, el surgimiento del deporte como forma de lucha física relativamente no violenta tuvo que ver con un desarrollo relativamente extraño dentro de la sociedad en general: se apaciguaron los ciclos de violencia y se puso fin a las luchas de interés y de credo religioso de una manera que permitía que los dos principales contendientes por el poder gubernamental resolvieran completamente sus diferencias por medios no violentos y de acuerdo con reglas convenidas y observadas por ambas partes (ELIAS e DUNNING, 1986, p. 39).

² ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. Introducción. IN: Deporte y ocio en el proceso de la civilización. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 31-81.

A aproximação das duas teorias está assim expressa:

Si las tensiones sociales se acercan al umbral de la violencia o lo rebasan, todo régimen parlamentario está en riesgo de sucumbir. Em otras palabras, su funcionamiento depende de que el país pueda o no monopolizar la violencia física, mantener estable la pacificación social interna. Esa estabilidad, empero, depende hasta cierto punto del nivel de restricción que individualmente tengan las personas que conforman estas sociedades (ELIAS e DUNNING, 1986, p. 40 e 41).

Gaffney também traz algumas considerações importantes para este trabalho, principalmente no tangente ao estádio de futebol, especificamente. Primeiramente que “os antigos gregos, romanos, astecas e maias possuíam estádios que funcionavam de maneiras similares aos nossos, o que sugere que existe algo essencialmente humano sobre eles”. Em segundo lugar, que, tendo a FIFA (Fédération Internationale de Football Association) e o COI (Comitê Olímpico Internacional) mais filiados do que a ONU, pode-se concluir que “quase todos os territórios organizados politicamente possuem um estádio onde se realizam competições locais, nacionais e internacionais. O estádio deve ser o mais global do globalizado”, e que, portanto, com “os estádios como lentes para observar culturas, examinamos processos históricos, econômicos, políticos, socioculturais, tecnológicos e globalizantes na medida em que são expressos no nível local” (2009, p. 3)

Na prática, ele cita o caso da relação das civilizações mesoamericanas com as quadras de bolas, e que a partir delas e seus significados – mítico, religioso e político – são fornecidas “pistas sobre a organização social, estruturas político-religiosas e o uso do tempo livre nas sociedades pré-colombianas da região” (2009, p. 7)

O primeiro capítulo propõe a exposição do que se disse sobre o surgimento do futebol moderno como objeto da elite, utilizado por ela num primeiro momento como ferramenta pedagógica, e posteriormente como forma de controle dos operários, principalmente segundo a ótica de Hilário Franco Júnior³ e de Gilmar Mascarenhas de Jesus⁴. Dedicar-se também a análise do processo de popularização a que o futebol foi submetido, na Inglaterra a partir da década de 1870 e no Brasil, mais lentamente, com iniciativas desde os primeiros anos do século XX, mas com resultados importantes somente entre as décadas de

³ FRANCO JR., Hilário. A dança dos deuses. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁴ MASCARENHAS, Gilmar. A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul.

1920 e 1930, identificando elementos responsáveis e que contribuíram para esta mudança. Num terceiro momento, o capítulo pretende apontar evidências que permitem afirmar que recentemente a elite tem se reapropriado do futebol, e ela, através de medidas políticas e econômicas, tem tentado isolá-lo das camadas mais baixas da sociedade, principalmente pelo encarecimento dos ingressos e também pela influência e pelo interesse da televisão, que rende aos clubes importante porcentagem no balanço orçamentário anual.

O segundo capítulo tenta uma teorização do papel do estádio de futebol no concernente ao capítulo anterior. Através da sua constituição física, basicamente, mas também com aspectos outros como a localização, tentarei expor os motivos que nos permitem crer que os modelos dominantes na construção dos estádios de futebol em cada estágio de seu desenvolvimento tem significância muito próxima com o papel que ele deve cumprir. Assim, no caso do Brasil, num momento inicial, os estádios estavam constituídos a fim de abrigar uma elite muito nobre, que percebia o futebol como ferramenta de lazer. Num segundo momento, os estádios de futebol deveriam cumprir a missão de atrair as massas com intuito de enraizar o esporte nos brasileiros sob objetivo final da construção de uma identidade nacional. E mais recentemente ao estádio compete uma nova função social que é o de afastar as camadas indesejadas e mantê-lo sob posse das classes altas.

Retomando o que Gaffney diz sobre as possibilidades que o estádio de futebol provê para o estudo das civilizações antigas, este capítulo propõe a verificação de como a construção dos estádios de futebol responde a interesses do presente momento em que é planejado e construído; e desta forma, portanto, os estádios projetados agora refletem os interesses de acomodação da elite.

O terceiro capítulo é a ilustração prática do analisado nos capítulos anteriores, utilizando o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense como personagem principal. O Grêmio foi escolhido por apresentar, nas diferentes fases, diferentes estádios de futebol. Assim, o campo dos Moinhos de Vento, ou Estádio da Baixada, foi fruto da fase inicial do futebol em Porto Alegre, quando o jogo possuía um caráter de entretenimento muito parecido com o que o teatro executa até os dias de hoje. O Estádio Olímpico nasce como uma necessidade muito intensa de ampliação da capacidade de comportar os sócios do Grêmio e o público geral, decorrente da popularização do futebol nos anos 20 e 30. E recentemente o Projeto Arena, assim alcunhado pelo clube, tem a perspectiva de aproximar um público de elite, visto a quantidade de dinheiro que deve ser aplicada no entretenimento futebol, como o alto preço dos ingressos, o pagamento da taxa do *pay-per-view* para poder acompanhar seu time e toda a lógica consumista atrelada pelos produtos vendidos sob a marca Grêmio – os times se

transformam em marcas. Através da ferramenta básica do jornal Correio do Povo, tentarei comprovar o anteriormente dito.

De forma geral, este trabalho pretende analisar as circunstâncias e as evidências que permitem dizer que, a partir do arquétipo europeu, o Brasil tem se inscrito no mesmo modelo de modificação dos estádios de futebol, em que há, em última instância, a alteração do público freqüentador, como antevê Gaffney:

O efeito mais amplo foi uma atomização da audiência, onde o valor social é designado pela capacidade individual de consumo. O público tradicional, aquele que ia ao estádio regularmente, tornou-se mais limitado e afliente. O que antes eram espaços públicos inclusivos são, tais quais os parques, praças e outros espaços interativos, baseados na noção de um indivíduo deve consumir (e pesadamente) para fazer parte do evento. Assim, o estádio continua a refletir tendências sociais e arquitetônicas mais amplas associadas com cidades (pós-)modernas. Estas mudanças ainda estão para serem relatadas de maneira mais detalhada, mas certamente merecem mais atenção dos estudiosos. (2009, p. 12-13)

CAPÍTULO 1 - ALTERNÂNCIAS ENTRE AS CLASSES ALTAS E BAIXAS COMO CLASSES PREDOMINANTES NO FUTEBOL ANTES DO FOOTBALL ASSOCIATION

A historiografia tradicional da Idade Média caracterizou seu período como um tempo às escuras, de pouca novidade intelectual, situado entre dois momentos de grandes incentivos à cultura, o período Clássico e o Renascimento.

O termo expressava um desprezo indisfarçado em relação aos séculos localizados entre a Antiguidade Clássica e o próprio século XVI [Renascentista]. Este se via como o renascimento da civilização greco-latina, e portanto tudo que estivera entre aqueles picos de criatividade artístico-literária (de seu próprio ponto de vista, é claro) não passara de um hiato, de um intervalo (FRANCO JÚNIOR, 1986, p. 11).

Vale salientar que a historiografia moderna já tratou de rever seu conceito sobre a Idade Média. Se por um lado não podemos identificar este período como um momento de pobreza artístico-literária, podemos ao menos dizer que os esportes têm uma era obscura entre os séculos V e XV. A predominância da igreja, entidade de extremo poder no período, surge como explicação primeira para a falta de estímulo ao uso do corpo, uma vez que ao fazê-lo deixaria de lado outras atividades mais nobres:

Richard Sennet (1997) assinala a profunda transição no uso do corpo ocorrido entre o Império Romano e a Idade Média, da orgia pública pagã às renúncias corporais do espaço cristão. Foi justamente o imperador romano Teodósio, no ano de 349, portanto já em plena vigência da hegemonia cristã, que proibiu a continuidade dos Jogos Olímpicos, que existiam havia mais de mil anos. O corpo deveria resignar-se aos imperativos da alma, que se queria purificar através do controle severo dos impulsos carnavais. Nesse sentido, encontram-se facilmente registros policiais de perseguição implacável às práticas esportivas populares nas cidades medievais tais como o futebol ancestral ou folk football (MASCARENHAS, 1999, p. 24).

É, então, a partir do Renascimento cultural e seu ideal de retomada dos valores clássicos que os esportes recebem um primeiro estímulo, mesmo que ainda incipiente:

os estudos sobre o corpo, a biomecânica, e toda uma filosofia de apoio à ‘educação física’ começaram a se expandir, ocupando mentes privilegiadas como as de Leonardo da Vinci, Montaigne e Francis Bacon, que estabeleceram os exercícios físicos como o ideal de uma educação cortesã. Foram assim retomados alguns ideais greco-romanos relacionados ao uso do corpo, instaurando-se uma nova fase de desenvolvimento da cultura física. Todavia, mesmo no Renascimento, os esportes que exigiam grande aplicação de força e/ou atritos corporais se mantiveram desprestigiados, dada a grande importância atribuída pelos humanistas à erudição em detrimento da atividade muscular [...] Somente no último quartel do século XVIII, já no contexto do Iluminismo, foi que efetivamente se expandiram as idéias de resgate e revalorização dos exercícios físicos (MASCARENHAS, 1999, p. 24).

Entretanto, até pelo menos o século XIX, as atividades físicas não eram próprias da elite. Sobre isto Mascarenhas atenta que

a intenção das classes dominantes era bastante clara nesse aspecto: deixar evidente sua profunda diferença em relação àqueles que, desprovidos de qualquer nobreza, necessitavam trabalhar com base no esforço muscular (1999, p. 22).

Ele ainda relembra que, no Brasil imperial, o simples hábito de sair de casa ou carregar algum objeto, ações que exigem um mínimo esforço físico, não era visto como digno da elite, que o fazia às escondidas: “qualquer atividade física mais exigente era encarada como moralmente degradante, incluindo-se aí até mesmo o mero ato de transportar nas mãos um pequeno pacote” (1999, p. 23).

A prática esportiva, portanto, se constituía em atividade da plebe marginalizada e perseguida, repudiada pelos membros da elite justamente por apresentar um caráter maleável:

No âmbito dos jogos populares, praticados sobretudo do século XIII ao XIX, as práticas abrangiam um amplo leque de formatos de grande variação regional, onde a informalidade imperava: regras frouxas ou incertas, indiferenciação entre atleta e espectador, localização improvisada etc (MASCARENHAS, 2001, p. 18).

Ainda conforme Mascarenhas, “quando Rui Barbosa, na condição de chefe da comissão estadual de ensino, propôs em 1882 a introdução do exercício físico no currículo escolar, baseado na crença de que a debilidade física comprometia o desempenho intelectual, não foi levado a sério” (1999, p. 23).

Portanto, é perceptível a importância que uma alteração nas idéias sobre o uso do corpo tem para que se oportunize o surgimento legitimado de esportes.

um documento de 1314 faz referência explícita a um jogo de bola com os pés. Sua difusão foi tão grande que em 1365 o rei Eduardo III proibiu-o, alegando que ele afastava as pessoas de práticas mais nobres e úteis, realizadas com as mãos, caso do tiro com arco-e-flecha (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 19).

Fez-se necessária uma mudança de mentalidade para que as condições políticas e sociais viabilizassem a prática esportiva. Não foi na sociedade inglesa do século XIV que as formas antigas do futebol encontraram a possibilidade de se desenvolverem.

I. O SURGIMENTO DO FOOTBALL ASSOCIATION

Podemos identificar o século XIX, com a Revolução Industrial já bem desenvolvida, como aquele que se observaram drásticas mudanças na forma de se avaliar a importância dos esportes. É a partir desse momento que eles são absorvidos pela elite, ainda exclusivamente a inglesa⁵, como forma de auxiliar na educação de seus herdeiros, sob o ideal do *cristianismo atlético*⁶ a que Franco Júnior atribui como elemento central para “a construção do caráter de suas elites”, aquela que deveria ser capaz de governar a maior potência mundial (2007, p. 26-27)

É aqui então que os esportes começam a fazer parte dos currículos nas mais importantes escolas inglesas (Eton, Cambridge, Oxford, etc.), visando “forjar elites aptas a governar” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 26-27). Augustin (1995, p. 20 citado por MASCARENHAS, 2001, p. 18) complementa: “entre 1820 e 1870, as escolas públicas inglesas funcionaram como verdadeiros laboratórios de invenção dos esportes modernos”.

⁵ É importante distinguir as duas elites relativas a este processo: uma aristocrática e outra burguesa. Embora tenham o feito de formas diferentes, ambas utilizaram o futebol como meio para atingir seus interesses, seja o de educar seus herdeiros ou o de controlar os funcionários industriais, que a partir do convívio nas fábricas atinge elevado grau de articulação operária.

⁶ Mascarenhas nomeia cristianismo muscular (2001, p. 17)

Franco Júnior atribui também a adoção dos esportes “como instrumento do darwinismo social”, “adaptando à vida social a idéia biológica da sobrevivência dos mais fortes” (2007, p. 27)

A prática esportiva encontrou na nova concepção de culto ao corpo um terreno fértil para prosperar: não é casual que em meados do século XIX tenha surgido a codificação das regras do rúgbi (1846), do ciclismo (1868) e do futebol (1863) (FRANCO JÚNIOR, 2007, 26 e 27). As atividades físicas na Idade Média eram coibidas justamente porque “a violência [...], a informalidade, a despreocupação estética e a imprevisibilidade destas formas folclóricas de recreação contrastavam radicalmente com o rigor dos cerimoniais esportivos das elites” (MASCARENHAS, 2001, p. 15). Sobre a codificação do futebol e a regulamentação da violência⁷, práticas que estavam em pleno vapor na época e pré-requisitos básicos para que o esporte se enraizasse satisfatoriamente bem na aristocracia inglesa, Mascarenhas diz:

Para atenuar os efeitos traumáticos dos violentos impactos inerentes a estes jogos coletivos de livre movimentação e confronto direto, foram sendo criadas paulatinamente várias regras de conduta. E assim tais jogos foram se diferenciando progressivamente das formas populares, atingindo, por volta de 1830, elevado nível de sistematização e controle da violência, garantindo sua aceitação social e permitindo a realização de animadas competições esportivas de âmbito local. (2001, p. 17).

No Brasil, o futebol surgiu, tal qual na Inglaterra, inicialmente amparado pelo viés pedagógico. Os colégios jesuítas introduziram um jogo assemelhado ao futebol moderno com objetivo de manter sob controle os grandes grupos de jovens que formavam potenciais bandos desregrados. Assim, eventualmente a prática esportiva apaziguava o ímpeto dos jovens abastados:

Entre 1880 e 1890, bem antes portanto de Charles Miller retornar da Inglaterra, jesuítas haviam introduzido jogos com o ballon anglais. No Colégio São Luís, de Itu, jovens da elite disputavam um jogo aparentado ao football association, denominado ‘bate bolão’ (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 61).

Existe, ainda, a introdução do futebol no Brasil via cidades portuárias, o que explica a primazia de algumas cidades como Rio Grande e Rio de Janeiro, e ganha força se

⁷ Franco Júnior diz: “Se de um lado, é claro, todos esses procedimentos existiam havia muitos séculos, de outro é inegável que o progresso do capitalismo pediu um correspondente progresso nas instituições de todos os tipos. A época era de padronização, codificação e fixação em vários planos da vida inglesa” (2007, 26).

considerarmos a importância mundial de Montevideu e Buenos Aires: “Há ainda notícias de marinheiros ingleses que jogaram em praias brasileiras em seus dias de folga e ate mesmo o registro de uma partida realizada em 1878, no Rio de Janeiro, em frente à residência da princesa Isabel” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 62).

O surgimento das primeiras equipes de futebol foi resumido por Franco Júnior em duas grandes tendências. A primeira⁸,

a formação de equipes no interior dos grupos dominantes, orientada pelos valores do cavalheirismo, do fair-play e do amadorismo. Fosse mediante clubes fundados especificamente para a prática do novo esporte (Fluminense 1902; América-RJ, 1904), por iniciativa de jovens estudantes que participavam de associações atléticas vinculadas a seus estabelecimentos de ensino ou que criavam clubes independentes (Ponte Preta, 1900; Botafogo, 1904), fosse pela introdução do futebol em clubes dedicados a outras modalidades esportivas (Náutico, 1909; Flamengo, 1911) (2007, p. 62).

Vale salientar que no Brasil também houve a apropriação do futebol por uma sociedade de caráter elitista.

Colégios e clubes constituíam-se em espaços restritivos de formação, lazer e sociabilidade, nos quais se representava a pretensa superioridade da elite, que procurava fortalecer, num movimento endógeno, por meio da difusão de vínculos de solidariedade e do conseqüente afastamento dos demais setores sociais. [...] O futebol tornara-se um novo item da modernidade européia e que não podia faltar aos anseios de atualização da elite brasileira e que devia por isso ser praticado por pessoas de igual condição social e racial. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 62-63).

O futebol é, portanto, fruto de interesses elitistas. Tanto o é que por muito tempo sua prática como forma profissional era reprimida e só foi aceita algumas décadas depois do início da atividade, sendo na Inglaterra no ano de 1885 e no Brasil somente na década de 1930. Isto revela o caráter de seus praticantes, na maioria pessoas com tempo para desfrutar do lazer.

⁸ A segunda tendência ver-se-á quando tratarmos da popularização do futebol no Brasil.

II. A POPULARIZAÇÃO

É possível dizer que a popularização do futebol foi um processo histórico raro no sentido de que não é comum se verificar uma apropriação por parte das camadas baixas da sociedade de um produto genuinamente elitista, principalmente se relevado à rapidez com que foi efetivado. Para a Inglaterra, Franco Júnior identifica a década de 1870 como a inicial daquilo que intitulou “As reivindicações populares”, ou seja, o aparecimento do futebol jogado por elementos alheios à elite (2007, p. 34). No Brasil, podemos definir as décadas de 1910 e 1920 como aquelas que foram despendidos esforços iniciais no sentido de tornar o jogo mais abrangente.

Anteriormente havíamos citado Franco Júnior no concernente a duas tendências de proliferação de clubes e times de futebol no Brasil. Foi explanado sobre a primeira, que referia à formação elitista de equipes de futebol, e deixamos para agora a segunda tendência:

Que o pretense Éden do amadorismo fosse conspurcado pelo interesse das camadas médias e subalternas. As fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com a formação de times improvisados pelos setores populares, que passavam da curiosidade ao mimetismo. Sem equipamentos adequados e jogando com bolas desgastadas e mesmo improvisadas, em terrenos ainda não ocupados pelo processo de urbanização, o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais. E alastrava-se pelos subúrbios proletários. Em pouco tempo, uma série de equipes e clubes foi constituída por iniciativa de pequenos comerciantes, operários e artesãos das grandes cidades (Internacional, 1909; Corinthians, 1910). Por outro lado, a criação de clubes vinculados a empresas que recrutavam operários para seus times também afrontava as barreiras sociais erguidas no futebol (Bangu, 1904; Juventus, 1924). Nesse caso, o amadorismo era dissimulado por meio de gratificações oferecidas aos jogadores de origem operária (2007, 63-64).

Tal citação nos evidencia alguns parâmetros sobre os quais explicaremos a massificação do futebol. Acreditamos que ela se fez possível por condições ímpares da época, quando se observou, primeiramente, a criação de espaços públicos que possibilitavam as práticas esportivas, sob a égide das modernizantes reformas urbanas. Em segundo lugar, a emancipação jurídica do negro e sua conseqüente aceitação social, bem como as conquistas operárias, que evidenciavam uma apreciação das camadas subalternas da sociedade. Como terceiro ponto, a profissionalização do jogador de futebol e a perda do sentido amador do jogo, este beneficente às classes altas. O surgimento de grandes estádios de futebol é a

materialização do processo; e como último parâmetro, evidentemente, a facilidade de o futebol ser praticado.

Sobre este último, é incontestável que a simplicidade das regras, o que permite um entendimento fácil do jogo, a capacidade de improvisação e de adaptação, e a possibilidade de jogá-lo com poucos recursos foram elementos fundamentais para a difusão do futebol no meio popular: aquilo que Veríssimo definiu como “futebol de rua”.

Outro fator contribuinte para a rápida e eficiente popularização do futebol, apontado por Mascarenhas em artigo intitulado “Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro”, se refere à reforma urbana implementada no Rio de Janeiro à semelhança das reformas nas grandes cidades européias, as quais se preocuparam, dentre outras coisas, em criar espaços ao ar livre para a socialização, chamados *recreation grounds* na Inglaterra, que propiciaram o que o autor chamou, no caso brasileiro, de “febre esportiva”, ou seja, as atividades físicas incentivadas por um novo costume adotado pela população:

as grandes reformas urbanas européias do século XIX abriram amplos espaços públicos, preencheram-nos com monumentos que expressavam o triunfo da burguesia e dotaram-nos de eventos e cerimoniais atléticos de apologia ao ideário da mens sana in corpore sano. [...] A cidade do Rio de Janeiro vivenciou, a partir de 1850 e mais intensamente no período que se estende pelas três primeiras décadas de vida republicana, uma rica atividade esportiva, caracterizada pela introdução e multiplicação de novas modalidades de esportes e pela proliferação de associações civis criadas para esse fim. Tal foi a intensidade desse movimento que podemos falar na ocorrência de uma verdadeira febre esportiva (1999, p. 18).

Isto é, em contraposição a uma cidade colonial, fechada, de ruas apertadas, sujas e mal-cheirosas, sem vida cultural e com a presença quase que exclusiva de escravos e pobres, emerge uma cidade adaptada às altas classes da sociedade, com parques e bulevares retilíneos que incentiva o convívio social ao ar livre e também a prática esportiva.

Na última década do século XIX, o movimento de adesão aos esportes e ao lazer ao ar livre adquiriu força e velocidade inéditas, inserindo-se na perspectiva de retomada dos espaços públicos e de liberalização dos costumes: assistiu-se à ascensão da figura do sportsman [...]. Novos hábitos foram sendo rapidamente incorporados ao cotidiano das cidades brasileiras, expandindo as formas de lazer e refuncionalizando os espaços públicos, num processo que alguns autores definem como de laicização ou dessacralização da vida cotidiana (MASCARENHAS, 1999, p. 25).

Voltando ao caso brasileiro, a pressão exercida pelo convívio de classes elitistas e subalternas num mesmo cenário urbano propiciou a coexistência do futebol na alta sociedade e do futebol popular. É aquilo que Franco Júnior chamou de “dupla concepção do futebol”:

De uma parte, estava a perspectiva pedagógica europeia, presente no Brasil pelo menos desde o parecer de Rui Barbosa sobre a Reforma do Ensino Primário em 1882. Harmonia dos músculos, higienização dos corpos, coordenação dos movimentos e controle da violência seriam elementos a contribuir para o fortalecimento moral e solidário dos futuros dirigentes do país. [...] De outra parte, estava a realidade nacional de corpos adestrados no trabalho braçal e habituados aos folguedos das danças populares e a toda sorte de improvisações da arte da malandragem, vinculadas a precárias condições de vida (2007, p. 64-65).

Além da questão do espaço, outro ponto fundamental para a democratização do esporte foi a valorização social que setores mais baixos da sociedade obtiveram no período próximo à virada do século: a abolição da escravidão, embora tardia no Brasil, e as conquistas operárias davam outro formato para a pirâmide social.

Ao mesmo tempo em que o esporte se sedimentava num contexto burguês, o movimento operário se organizava e se fortalecia, não só no âmbito industrial, mas também em termos de conquistas sociais. Não deve ser descontextualizada a publicação do Manifesto do Partido Comunista de Karl Marx em 1848. Franco Júnior ainda lembra:

No plano sindical, os direitos do operariado avançavam: em 1851 organizou-se a Federação dos Maquinistas, em 1864 reuniu-se a Primeira Internacional, em 1868 ocorreu o Congresso das Trade-Unions, em 1875 uma lei aceitou os piquetes pacífico. (2007, p. 30).

Nesse cenário, a prática do futebol dificilmente teria ficado restrito nos níveis aristocrático e universitário. Isto se verifica primeiramente pelo surgimento de muitos clubes com origem proletária⁹, mas também, mais profundamente, pela implementação da prática do futebol no currículo das escolas públicas inglesas, na década de 1880. (2007, 34).

Franco Júnior ainda distingue uma mudança no estilo de se praticar o futebol, que se dá em função da adição operária:

⁹ Franco Júnior diz: “Na década de 1870 surgiram clubes de empresas siderúrgicas (por exemplo, o West Ham), ferroviárias (caso do Manchester United) e armamentistas (como o Arsenal). No começo da década seguinte o futebol passou a ser praticado nas escolas públicas, freqüentadas por indivíduos oriundos das classes pobres porque o ensino primário tornara-se obrigatório desde 1871” (2007, p. 34 e 35).

Diante disso tudo, no futebol abandonou-se em 1876 o dribbling game, a forma individualista de os burgueses ingleses jogarem, na qual o desempenho pessoal era mais importante que o coletivo. Desde então prevaleceu o passing game, o jogo solidário dos operários escoceses, que provava sua incontestável superioridade (2007, p. 30).

Franco Júnior fala da supremacia operária escocesa, mas dentro mesmo da própria Inglaterra é destacável a superioridade das equipes do norte do país, região de cidades operárias e, portanto, de clubes operários. Ele ainda atenta ao fato de que em 1883, portanto, cerca de uma década depois de surgirem os primeiro clubes operários, o “Blackburn Olympic, fundado apenas cinco anos antes, conquistou a Copa da Inglaterra batendo o time de elite de ex-alunos de Eton” (2007, p. 35).

Sobre a facilidade na adaptação operária ao futebol, Mascarenhas sintetiza:

A Inglaterra é o berço incontestado da revolução industrial, o que supomos guardar relação direta com sua primazia na “invenção” dos esportes modernos. Tomando exclusivamente o futebol, podemos detectar em sua configuração vários aspectos que o aproximam daquele nascente mundo fabril. Primeiramente, o trabalho em equipe, que a grosso modo diferencia a fábrica moderna da velha produção artesanal. Outra característica, resultante da ação articulada coletivamente, é a especialização individual. Um jogador de futebol assume determinadas funções relacionadas a sua posição no time e no campo de jogo, e deve nela se especializar, tal qual o operário numa linha de montagem (2001, p. 30).

Mascarenhas ainda cita João Boaventura: “aponta quatro elementos do taylorismo presentes no futebol: a ênfase na velocidade, na especialização de poucas mas decisivas habilidades, na cronometragem e no trabalho em equipe” (BOAVENTURA s/d, citado por MASCARENHAS, 2001, p. 30). Fica evidente, portanto, as facilidades de adaptação que o operário encontra ao praticar o futebol, explicando assim seu sucesso. Este sucesso ainda traz outras conseqüências, que é a simpatia do público (outros trabalhadores) em ver “seus” jogadores atuando. Esta é uma das razões que Mascarenhas usa para justificar o fluxo em massa aos estádios de futebol:

Tal êxito pode ser entendido como decorrência de outros fatores: 1) a crescente qualidade do espetáculo, em técnica, conjunto e competitividade; 2) as crescentes demandas de lazer popular urbano, com a expansão do tempo-livre para a classe trabalhadora; 3) o interesse de trabalhadores em prestigiar ídolos de origem humilde (2001, p. 27-28).

Tanto quanto o movimento operário, outro setor das classes subalternas, os negros, também obtiveram em fins do século XIX suas conquistas. No caso brasileiro, o ano de 1888 é emblemático, embora não tenham sido observadas demais políticas de inserção dos negros na sociedade: eles continuaram vivendo, majoritariamente, nos seus bairros, com iguais dificuldades econômicas e sem acesso aos mesmos espaços freqüentados pelos brancos. Isto, no processo de democratização do futebol, é de extrema relevância. Aos poucos foram aparecendo os primeiros jogadores de descendência africana no interior dos clubes de futebol, embora algumas ligas ainda proibissem de participar aqueles times que os integrassem, bem como ocorria com as equipes que se supriam com jogadores profissionais.

Neste sentido, Mascarenhas nos traz à tona o caso muito particular ocorrido em Porto Alegre. Em primeiro lugar, ele atenta para a situação da vida urbana no momento em que o futebol se insere: “o processo de desescravização nas últimas décadas do século XIX faz aportar, nas principais cidades brasileiras, densos contingentes de negros oriundos da zona rural” (1999). Assim, a pressão social entre os conjuntos étnicos porto-alegrenses produz “uma redefinição de sua imagem [de Porto Alegre]”. Desta forma, Mascarenhas diz:

Aproximadamente entre 1915 e 1930, quando o futebol se popularizava plenamente em Porto Alegre, o projeto de modernidade e toda a ideologia racista estão em pleno vigor, de forma que não resta ao negro outra alternativa para a prática do futebol senão a formação de uma liga exclusivamente composta por elementos descendentes dos escravos africanos. Neste sentido, em Porto Alegre, temos a Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense, pejorativamente conhecida (e divulgada na imprensa “branca”) como Liga da Canela Preta (1999, p. 145).

Tem-se que a Liga da Canela Preta tenha durado por aproximadamente quinze anos, com início entre 1910 e 1912 e término em 1925, quando perdeu força devido à criação de uma segunda divisão da liga “branca” porto alegrense que permitia jogadores e clubes negros (MASCARENHAS, 1999, p. 150-152).

Assim, muito vagarosamente, e principalmente aqueles indivíduos que de uma forma ou outra, principalmente pela incontestável qualidade na prática do futebol, conseguiam sua inserção no cerne dos clubes “brancos”. O lendário Arthur Friedenreich, em 1909 integrava o Germânia, e era definido como um “mulato de olhos verdes que alisava os cabelos com gomalina e toalhas quentes na tentativa de disfarçar a negritude” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 66). Carlos Alberto, no ano de 1914, vestia a camiseta do Fluminense. Este atleta ficou marcado como aquele que utilizava pó-de-arroz para esbranquiçar a pele. Como estes, outros

casos particulares existiram nas primeiras décadas do século XX, quando a partir da década de 1920, o negro consegue maior colocação no futebol.

Segundo Franco Júnior, o estabelecimento do profissional “jogador de futebol” se deu na Inglaterra em 1885 (2007, p. 35) e no Brasil em 1933 (2007, p. 76). Em ambos, ela cedeu às pressões do chamado “amadorismo marrom”, que proporcionava o pagamento por parte de alguns clubes àqueles atletas mais habilidosos e que gerava desde muito cedo a transferência para outras equipes.¹⁰ Isto era, em princípio, rejeitado pela aristocracia que via no futebol uma função pedagógica, em primeiro plano, e de lazer, em segundo.

A profissionalização do futebol auxiliava na popularização do futebol na medida em que possibilitava indivíduos de poucos recursos à atividade como meio de sobrevivência; enquanto que na época amadora os praticantes deveriam ser afortunados o suficiente para trabalhar menos e dispor de tempo para a recreação, o que definitivamente não era o caso de operários, negros e demais membros do baixo escalão social.

Como resultado de tudo isso, observa-se o incremento de clubes, jogadores e público interessados no futebol. De fato, em pouco tempo o futebol passa a fazer parte do modo de vida britânico, seja jogado ou assistido por um grande número de pessoas. Assim, por volta de 1890 se inaugura o Crystal Palace, em Londres, para 100 mil pessoas, em 1903 o Hampden Park, em Glasgow, para 150 mil pessoas, e em 1923 o Wembley, em Londres, para 125 mil pessoas (FRANCO JÚNIOR, 2007).¹¹ O número de equipes que surgem ainda no século XIX também ajuda a clarear o fato: Franco Júnior atenta que “só Londres tinha, na passagem do século, treze clubes de futebol” (2007, p. 40). Mascarenhas complementa:

Neste contexto de ampla adesão à prática esportiva, se não foi difícil para o futebol vencer o universo intramuros dos estabelecimentos educacionais, também não o foi tornar-se uma disseminada prática popular de entretenimento nas cidades industriais inglesas. Pode-se perceber uma mudança fundamental na natureza e composição sócio-econômica dos clubes de futebol nas décadas de 1870 e 1880 (de associações elitistas, fechadas e sem fins lucrativos, para entidades empregadoras,

¹⁰ Amadorismo marrom é definido como uma prática ilícita de premiação aos jogadores de futebol no período em que a remuneração aos seus serviços era proibida. Assim, os clubes, a fim de contar com o jogo habilidoso de um ou outro elemento, ofereciam-lhes pagamentos, chamados “bichos”, pela sua contribuição “espontânea”, para efeitos legais.

¹¹ “ele [Charles Alcock, secretário da federação football association] criou na temporada de 1871-2 uma disputa muito popular até hoje, a Copa da Inglaterra [...]. Essa competição estimulou bastante o interesse pelo jogo. De quinze equipes participantes da primeira edição, passou-se a 43 em 1878-9, a uma centena em 1883-4. O público também cresceu vertiginosamente. A decisão, jogada sempre em Londres, foi vista por dois mil espectadores em 1872, 17 mil em 1888, 43 mil em 1893, 110 mil em 1901, 100 mil em 1914. Na inauguração do estádio de Wembley, em 1923, a final foi vista por bem mais de 125 mil pessoas, que era a capacidade oficial do estádio” (Franco Jr., 2007, p. 34).

com feições empresariais; para não falar dos numerosos clubes populares, informalmente organizados e dirigidos por indivíduos de escassos recursos materiais) (2001, p. 25).

Ou seja, além da facilidade em ser jogado e da simplicidade de suas regras, a popularização do futebol em grande parte se explica a partir da abertura da prática aos operários e aos negros, seja pela maior abrangência de jogadores, seja pelo interesse do público em torcer por clubes identificados com as questões individuais. As questões referentes às mudanças na arquitetura das cidades também facilitaram o acesso aos esportes, a partir da criação de espaços urbanos propícios à atividade física. Evidência desta popularidade se dá pelo número de estádios de futebol que surgem nas primeiras três décadas do século XX, bem como a regulamentação da profissão, que permite que um indivíduo se atenha somente ao futebol, sem necessidade de um emprego que o sustente.

III. A REELITIZAÇÃO

Cada vez mais o futebol tem envolvido maiores quantidades de dinheiro. Certificamo-nos disto quando observamos as compras de jogadores e as cotas pagas pelos direitos da televisão, em crescimento exponencial. Ilustramos isso com as recentes compras do Real Madrid – alcunhado de “forte exemplo da globalização” por Franco Júnior (2007, p. 123) –, o português Cristiano Ronaldo e o brasileiro Kaká¹², e os dados apresentados pelo mesmo autor sobre a valorização da transmissão televisiva da Copa do Mundo:

Entretanto, a melhor expressão da globalização econômica e esportiva do futebol a partir de fins do século XX talvez seja o papel da televisão. Quando a primeira partida de uma Copa do Mundo foi televisionada – Iugoslávia 1 x 0 França, no dia 16 de junho de 1954 – praticamente não tinha valor de mercado. Em 1978 os direitos televisivos correspondiam, em valores atuais, a somente 15 milhões de euros; em 1982, a 24 milhões. Desde então começou a lenta escalada – 30 milhões em 1986, 60 milhões em 1990, 72 milhões em 1994, 84 milhões em 1998 e depois um salto: 853 milhões na Copa de 2002, 991 milhões na de 2006. (2007, p. 123-124).

¹² Segundo o site ClicRBS (acessado em 02/11/09:

<http://www.clicrbs.com.br/pioneiro/rs/plantao/10.2542061.Cristiano-Ronaldo-supera-Zidane-como-a-contratacao-mais-cara-da-historia.html>) o Real Madrid pagou 96 milhões de euros por Cristiano Ronaldo e 65 milhões por Kaká.

Isto só é viável se na base do sistema há quem pague por isto, função efetuada pelos torcedores. Seja desde o momento da primeira cobrança de ingresso num campo de futebol, seja desde a primeira transferência de um jogador mais habilidoso de um time para outro, o futebol sempre foi uma mercadoria. Entretanto, o nível mercadológico associado ao jogo tem atingido patamares que só podem ser mantidos pela faixa mais enriquecida da sociedade.

Desde 1990, a ligação estrutural entre o futebol e as classes trabalhadoras enfraqueceu muito. Os clubes e a polícia estão menos tolerantes a formas expressivas de apoio. Reformas nos estádios substituíram as antigas arquibancadas por acomodações mais confortáveis para as famílias. Os excluídos têm de se submeter a uma salgada taxa de assinatura para assistir aos jogos pela televisão. O merchandising e as questões acionárias levam a crer que os clubes têm como público-alvo um grupo de torcedores do futebol com poder aquisitivo superior. (GIULIANOTTI, 2002, p. 189)

Assim, é de interesse dos grupos dirigentes que se crie um ambiente com atrativos a estas pessoas de posses: segurança no estádio, estacionamento nas proximidades, lojas para aquisição de bens relacionados ao time e ao jogo, serviço de limpeza rígido, qualidade das comidas e bebidas disponibilizadas, e, eventualmente, serviços muito distantes do âmbito esportivo, como shoppings centres e hotéis acoplados ao entorno do estádio. Com todo este aparato, não é praticável que se cobre ingressos “populares”. Cria-se então um espaço focado à elite, o que se distancia absurdamente do cenário visto nas décadas anteriores.

A televisão assume papel fundamental no processo de reelitização do futebol na medida em que paga caro pelo direito de transmissão da imagem e espera ver o seu investimento retornado com lucro: isto é, oferece o serviço a quem se dispõe a pagar pelo conforto de ver o jogo do seu time em casa. Sobre a importância da televisão na receita dos clubes, Franco Júnior diz:

Quanto ao futebol dos clubes, os economistas Jean-François Bourg e Jean-Jacques Gouguet calcularam que na Europa, entre 1984 e 1999, a receita de direitos televisivos deles cresceu 1220 vezes, a de contratos publicitários 33, a de bilheteria apenas cinco. (2007, p. 124)

Disso, deduzimos que também é interesse da mídia que os clubes cobrem altos valores pelos ingressos, reduzindo o número de freqüentadores de estádios de futebol. Além disso, não é de se estranhar que há cada vez mais ligações entre televisão e futebol: pela delimitação dos horários em que os jogos ocorrem (sincronizando-os com outros atrativos

oferecidos), e até mesmo pelo controle político e acionário dos clubes de futebol, inventando a figura do “dono do time de futebol”. Ilustra-se com os casos do Milan e Berlusconi, o Paris Saint-Germain e o Canal Plus, e a tentativa de compra do Manchester United pelo dono da BSkyB, Rupert Murdoch (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 124).

O *pay-per-view* é um serviço disponibilizado pela televisão que em princípio teria como resultado o afastamento dos estádios dos setores ricos da população. Esta é uma idéia que em parte é verídica; entretanto, há outra parcela destes setores ricos que se beneficia do serviço pago a fim de se manter cativado pelo futebol. Assim, podemos dizer que este serviço é mais um recurso que impossibilita a população geral do acesso do jogo.

Outro ponto que tenta explicar o processo atual de elitização do futebol se centra no argumento da desarticulação do movimento operário:

Ao mesmo tempo, a classe trabalhadora em si passou por grandes mudanças estruturais desde a década de 1970. O processo de desindustrialização e o crescimento da economia no setor de serviços reduziram a classe trabalhadora industrial provocando amento no numero de colarinhos-brancos. A fronteira estrutural que separava a antiga classe média baixa da classe trabalhadora alta deixou de ser nítida. Uma subclasse isenta de posses ocupa a base da nova hierarquia de classes. Na era pós-moderna, esta subclasse e a classe imediatamente acima são mais visivelmente excluídas do admirável mundo do futebol na atualidade. O público-alvo do futebol no Reino Unido hoje inclui grupos de famílias, a classe média alta e os jovens da elite metropolitana. Esses desenvolvimentos sem dúvida estimularam a política cultural do futebol. (GIULIANOTTI, 2002, p. 189)

Desta forma, tento propor que a prática física ao longo da história se acomodava ora no cume da pirâmide social, ora na base. Era uma atividade nobre na Antiguidade, vide a criação e a organização das Olimpíadas. Durante a supremacia católica medieval o desaparecimento da prática esportiva trouxe aqueles que mantinham o exercício físico à marginalidade, sendo por diversas vezes reprimidos pela ideologia católica de desapego corporal em favorecimento do culto ao divino. Durante o Renascimento as esportes recomeçam uma lenta valorização, limitada pela estima que os humanistas empregam ao conhecimento. O século XIX é aquele marcado pelo renascimento da atividade física como produto da elite, possibilitado pela codificação dos esportes e supressão ou controle da violência. É neste contexto que o futebol moderno surge, e em pouco tempo ganha popularidade. Sofre, por conta disto, diversas modificações a fim de se adaptar à nova massa de praticantes, em sua maioria composta pelas baixas camadas sociais. Percebe-se, então, que recentemente tem ocorrido outra alternância do predomínio do público do futebol: as políticas

culturais atuais têm restringido o acesso do público pobre aos estádios e à televisão. Isto gera o afastamento e o desinteresse da grande massa, em detrimento do público com poder aquisitivo, que além de obter o acesso ao estádio, pode manter o sistema de pay-per-view e amparar o clube comprando camisetas e outros itens.

CAPÍTULO 2 – O ESTÁDIO DE FUTEBOL COMO PRODUTO DE INTERESSES DA SUA ÉPOCA

I. O SURGIMENTO DOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

Na época anterior à regulamentação, a falta de uma área cercada para jogar futebol refletia a fraca legislação do jogo. O futebol “primitivo” era jogado nos centros e nos campos dos povoados, onde obstáculos naturais (como muros e valas) determinavam os parâmetros espaciais do jogo, talvez com as igrejas dos povoados servindo como áreas rudimentares de gol (BALE, 1989a, p. 146; 1993, p. 123, citado por GIULIANOTTI, 2002, p. 93).

É desta forma que Giulianotti inicia seu capítulo, cujo objeto de estudo são os campos de futebol. Num exercício de analogia, a partir deste fragmento concluímos que desde a codificação do futebol existem instruções quanto ao espaço que o jogo deve ser praticado. Enquanto predominavam os clubes de característica exclusivamente elitista e amadora, pouca menção se faz a *estádios* de futebol – que além do campo, engloba um espaço designado para o espectador, uma vez que este não era necessário devido à falta de público.

A partir do momento que o futebol começa seu processo de massificação, faz-se a necessidade de construção dos estádios. Sobre estas primeiras edificações, existia uma tendência que fossem erguidas em lugares com entorno de característica popular, como nos traz Giulianotti:

Esses campos “tradicionais” tendiam a ser construídos perto dos terminais de transporte, principalmente das estações ferroviárias, permitindo aos torcedores chegar e sair com facilidade (Inglis, 1987, p. 12). Os construídos perto das principais indústrias estimulavam o crescimento de um grande número de torcedores locais (Fishwick, 1989, p. 54) (2002, p. 93).

Portanto, o surgimento e difusão dos estádios de futebol estão ligados à ampliação da popularidade deste esporte e, por conseguinte, é um processo intimamente relacionado com a conjuntura histórica da Inglaterra do século XIX, quando

os esportes modernos ganharam espaço nas áreas urbanas, associações esportivas e times (de rúgbi e futebol, em especial) tornaram-se elementos centrais nas vidas dos homens jovens. [...] A codificação das regras do football association em 1865 ajudou na expansão de competições organizadas, e times surgiram a partir de associações casuais no pub, no mercado ou no local de trabalho. Grupos de jovens adultos angariavam recursos e criavam ou encontravam espaços para jogar. A crescente popularidade do futebol atraía espectadores e os espaços para as partidas logo se tornaram estádios incipientes, onde montes de terra funcionavam como plataformas para o público assistir ao jogo. A expansão de esportes regrados requeria o “nivelamento do campo”, o que se traduziu na criação de espaços relativamente homogêneos para a performance e o consumo do esporte institucionalizado (GAFFNEY, 2009, p. 9).

Sobre a estruturação arquitetônica, Giulianotti conta que ela assumiu diferentes parâmetros para o caso inglês e o restante da Europa e América do Sul¹³. No que tange à esfera britânica ele fala:

O projeto arquitetônico dos campos tradicionais era extraordinariamente clássico. Os clubes do Reino Unido sempre contratavam o arquiteto Archibald Leitch para construir, em volta de todo o gramado, três arquibancadas abertas sobrepostas pó uma grande arquibancada coberta, com duas fileiras. [...] As classes foram o centro da etnologia social dos campos de futebol tradicionais. Os diretores e o público de classe média apropriavam-se dos assentos mais caros da arquibancada coberta; o grande público da classe operária ficava em pé nas arquibancadas abertas.(2002, p. 93-94).

O estádio de futebol fora da Inglaterra surgiu em função da influência cultural, possibilitada pelas relações econômicas, que o império exercia sobre seus parceiros comerciais. Assim, surgiram estádios de inspiração britânica na América do Norte e na América do Sul (GAFFNEY, 2009, p. 10).

¹³ No momento convém citar o que o autor diz sobre os estádios na Europa latina, que fortemente influenciaram os estádios brasileiros: “No sul da Europa, grandes estádios foram tipicamente erguidos durante períodos de ditadura política, quando os espaços públicos eram constituídos para gerar sentimentos nacionalistas. Mussolini construiu o Estádio Olímpico para as finais da Copa do Mundo de 1934; Franco construiu o Bernabeu de 1944 e 1947; Salazar edificou o Estádio da Luz, em Lisboa, em 1954 (Lanfranchi, 1995, p. 127-128) (2002, p. 94).

Os estádios de futebol na América Latina, pelas palavras de Gaffney, foram resultados da reestruturação do espaço público para acomodação da modernização urbana e industrial, sob interesse dos governos locais e nacionais de meados do século XX:

Na medida em que os estádios e culturas esportivas se expandiam para incluir um perfil socioeconômico mais amplo através de toda a América Latina, os estádios assumiram muitas das características integradoras tradicionalmente associadas com as praças¹⁴. Eles permitiam uma liberdade de acesso e associação que juntava todos os setores em um espaço compartilhado. Ao mesmo tempo, eles começaram a perder seus perfis estrangeiros e a se tornar expressões orgânicas das culturas urbanas locais, usando técnicas de construção, materiais e projetos autóctones. Estádios foram gradualmente integrados ao tecido urbano, freqüentemente emergindo juntamente a conjuntos de casas ou edifícios industriais, e ajudaram a moldar a forma, a textura e a cultura das cidades latino-americanas (GAFFNEY, 2009, p. 31).

Desta forma, concluímos que o estádio de futebol já se forma como materialização do futebol popularizado. Enquanto que o futebol sob conceito imprimido em meados do século XIX na Inglaterra e virada do século no Brasil, de caráter elitista, amadorístico e com viés de lazer, não intencionava o grande público, não se fazia necessária a estruturação de locais que conciliassem o campo de jogo e a arquibancada para o público.

Diferentemente, a partir do momento que o futebol se torna socialmente mais abrangente, e que adquire como sua parte integrante a característica de “esporte de massa”, passa a ser preocupação desses clubes a atração do grande público como forma de fortalecimento, o que é feito tanto pelo ambiente em que os estádios são construídos – acesso fácil via estações de trem e próximo das indústrias – como pelo formato que adquire – com grandes arquibancadas para o público.

II. O ESTÁDIO NA POPULARIZAÇÃO

Os primeiros estádios de futebol, com estrutura limitada e atendendo às pretensões da elite, formavam-se com pouca capacidade de público. Tão logo o esporte se populariza, seus tamanhos aumentam e ganham a definição, em linhas gerais, que conhecemos hoje: “O

¹⁴ Em referência às antigas “plazas mayores”.

futebol como espetáculo atraía grandes públicos e precisava de palcos adequados” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 44). Foi assim na Inglaterra, na Escócia e na Europa continental.

Na Inglaterra foi construído por iniciativa do poder público o Estádio de Wembley, com capacidade para 125 mil pessoas e inaugurado em 1923. Paralelamente, e frutos do empreendedorismo dos clubes, foram erguidos o Stamford Bridge do Chelsea (em 1877, para 42 mil pessoas), o Anfield Road do Liverpool (em 1884, para 62 mil pessoas), o Old Trafford do Manchester United (em 1910, para 60 mil pessoas) e o Highbury do Arsenal (em 1913, para 70 mil pessoas) (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 44).

Os três maiores estádios do mundo da década de 1900 estavam localizados na Escócia, mais precisamente em Glasgow (GIULIANOTTI, 2002, p. 95). O Queen’s Park inaugurou em 1903 o maior estádio de futebol até a construção do Maracanã: o Hampden Park, para 150 mil pessoas. Além deste, o Rangers ergueu em 1899 o Ibrox Stadium, para 25 mil pessoas (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 44) e o Celtic, em 1891, o Celtic Park.¹⁵ Se em 1911 viviam em Glasgow aproximadamente 785 mil pessoas¹⁶, é surpreendente que nesta época somente o Hampden Park e o Ibrox capacitassem 22% da população total da cidade.¹⁷

Com o atraso habitual – questão de meio século –, este processo não foi diferente no Brasil: a partir da década de 1910, mas principalmente a partir de 1920 iniciam-se as construções de estádios relativamente grandes, como a Vila Belmiro, em 1916 para 20 mil pessoas, o Estádio das Laranjeiras, em 1919 para 18 mil pessoas, o São Januário, em 1927 para 35 mil pessoas, o estádio dos Eucaliptos em 1931 para 10 mil pessoas, o Couto Pereira, em 1932 para 30 mil pessoas, o Parque Antártica, em 1933 para 30 mil pessoas.¹⁸

Até este momento, a malha de estádios no Brasil se apresentava tênue, sem a presença de um estádio emblemático para a grande população. A mudança desse quadro se deve muito fortemente à política getulista, que passa a ver o futebol como uma ferramenta para atingir seu objetivo populista:

A remoção da oligarquia paulista do centro do poder caracterizou-se, a partir de 1930, pela emergência do Estado como principal agente da sociedade brasileira. Modernização tornou-se a palavra de ordem, embutida nas perspectivas de industrialização do país e de consolidação da unidade nacional. De forma semelhante ao que ocorria no campo social, onde nenhum segmento mostrava-se capaz de exercer hegemonia, no futebol também se viviam tempos de transição.

¹⁵ O Celtic Park teve sua primeira inauguração em 1888. Porém, foi reformado para ampliação de sua capacidade e reinaugurado três anos depois.

¹⁶ Disponível em: <http://everything2.com/title/Timeline+of+Glasgow+history>, acessado em 05/11/2009.

¹⁷ Se somada a contribuição do Celtic Park, provavelmente atingiria um valor próximo de 30%.

¹⁸ Informações retiradas do site World Stadiums, disponível em: http://www.worldstadiums.com/south_america/countries/brazil.shtml, acessado em 05/11/09

Defensores do amadorismo e do profissionalismo disputavam a prerrogativa de organizar o futebol brasileiro, mas sem que ambos conseguissem superar as rivalidades regionais. [...] Paralelamente, o futebol era reconhecido pelos novos governantes como eficiente meio de mobilização das massas, e a seleção como ingrediente fundamental da representação da nacionalidade (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 77-78).

Sobre este mesmo período, Mezzadri nos traz:

A regulamentação esportiva e do futebol por parte do governo federal, na década de 40, estabeleceu uma relação em duas direções. A primeira delas referiu-se à maneira como o governo de Getúlio Vargas constituía sua administração e a segunda questão à influência da regulamentação na prática do futebol, bem como, as possíveis interlocuções com a sociedade. A discussão do processo de desenvolvimento do Estado brasileiro, em geral, e do futebol em particular, passava pela forma como o governo de Getúlio Vargas vinha administrando o país. [...] O governo naquele momento estava se cercado de projetos em todas as áreas, como na saúde, lei trabalhista, educação e, particularmente neste caso, no esporte e no futebol (MEZZADRI IN: RIBEIRO, 2007, p. 107-108).¹⁹

Segundo o autor, sob ao Decreto-Lei n. 3.199 de abril de 1941, estabelece-se “as bases de organização dos desportos em todo o país” (2007, p. 109). Assim

supõe-se que a regulamentação da lei auxiliou na construção da identidade nacional, pois a bandeira do Estado Novo era a de consolidar a base nacionalista, seja no âmbito geral, seja no âmbito esportivo especificamente. Possivelmente, nesse caso, a identidade da sociedade, representada pelo Estado, tornou-se bastante presente nas configurações dos indivíduos, e o futebol cumpriu seu papel no processo de fortalecimento do Estado. [...] A partir daí, delimita-se o espaço para a criação da identidade nacional, vinculada à prática esportiva e do futebol. (MEZZADRI, 2007, p. 109)

Além das questões jurídicas e da institucionalização da profissão jogador de futebol, a participação do Estado em outros âmbitos fortalece o processo de popularização do futebol brasileiro. Em primeiro lugar, com o apoio à preparação da seleção brasileira para participação da Copa do Mundo de 1938; em segundo lugar com a viabilização da construção de importantes estádios nas principais capitais do país. Sobre o primeiro ponto, Franco Júnior lembra:

¹⁹ MEZZADRI, Fernando Marinho. As possíveis interferências do Estado na estrutura do futebol brasileiro. IN: RIBEIRO, Luiz (org.) Futebol e globalização. Jundiaí: Fontoura, 2007.

Ainda em 1937, a CBD curvava-se ao profissionalismo para garantir o posto de entidade máxima do futebol do país. Graças a isto, a preparação brasileira para a Copa da França, em 1938, demonstrou organização bem superior à posta em prática nas duas Copas anteriores (2007, p. 80).

No que tange ao segundo ponto, saliento a construção do Pacaembu em 1940, obra destinada a comportar 40 mil pessoas, primeira grande obra patrocinada pelo poder público, e do Maracanã, em 1950, o maior estádio do mundo.

Sobre o Pacaembu, foi considerado por Ferreira como elemento chave na popularização do futebol paulista. Seu livro²⁰

procura analisar a popularização do futebol paulista ocorrida na década de 1930, período que coincide, em grande parte, com a construção do Estádio Municipal do Pacaembu, iniciada em 1936 e concluída em 1940, durante o regime estadonovista. Acredito que essa construção representa, entre outras coisas, a sedimentação do futebol como esporte das massas (2008, p. 17).

Embora já viesse de décadas anteriores, o processo de democratização do futebol atingiu um nível muito desenvolvido na década de 30, incluindo como novo elemento o interesse do poder público no esporte, como mostrado anteriormente, e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, principalmente o rádio (Franco Júnior, 2007, p. 78-79). Sendo assim, planejado nesses anos – às portas do Estado Novo – e inaugurado na abertura da década seguinte, o estádio municipal se forma como elemento crucial para tornar o futebol “o principal esporte, pelo menos, na cidade de São Paulo” (2008, p. 20).

Da forma que o Pacaembu esteve para São Paulo, o Maracanã foi o equivalente para o Rio de Janeiro, e talvez para o Brasil. Planejado e construído visando a Copa do Mundo de 1950, o estádio municipal da capital federal não tinha como intenções somente abrigar jogos de futebol. Ele fazia parte de um contexto muito maior, o da afirmação nacional, tanto no âmbito esportivo, quanto no da identidade nacional e das relações internacionais. O Brasil buscava com aquela obra a afirmação como um país importante no cenário mundial, e era necessária para alcançar este objetivo a definição de quem era e o que era ser brasileiro.

A verificação deste processo histórico está evidenciada nos trabalhos de Moura²¹ e Fraga²², que se utilizaram da imprensa como fonte para estudá-lo.

²⁰ FERREIRA, João Fernando. A construção do Pacaembu. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

²¹ MOURA, Gisella Araújo. O Rio corre para o Maracanã. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

A IV Copa do Mundo continua sendo até hoje o mais importante evento esportivo mundial realizado no Brasil. A decisão de patrociná-lo não atendeu apenas aos interesses particulares do esporte; muitos outros elementos entraram em jogo naquele momento, como a projeção de uma imagem do Brasil, particularmente da cidade do Rio de Janeiro, e a busca de uma identidade nacional através do futebol. O estádio do Maracanã [...] foi construído especificamente para a Copa (MOURA, 1998, p. 12)

Fraga define o objeto do seu trabalho assim:

Nosso objetivo neste trabalho é vislumbrar como a IV Copa do Mundo de futebol, disputada no Brasil em 1950, deveria servir, conforme a imprensa escrita brasileira, como um instrumento de afirmação de nossa nacionalidade. Para os jornais e revistas da época, tal evento teria o escopo de comprovar para nós e aos olhos dos outros países, em especial daqueles tidos como “mais desenvolvidos”, nossa condição de nação civilizada e evoluída, o que seria obtido não somente pela organização e realização do torneio em nosso país, mas também pela construção do maior estádio do mundo e pela conquista do título máximo por parte da seleção brasileira.

Desta forma, sendo parte constituinte de um plano maior – a construção da identidade nacional –, podemos afirmar que o Maracanã é um dos pontos emblemáticos no processo de popularização do futebol no Brasil.

Ele foi o modelo que norteou a construção dos estádios entre os anos 1950 e 1970: depois dele surgem, ainda na mesma década, a Fonte Nova em Salvador (1951), o Brinco de Ouro da Princesa em Campinas (1953) e o Olímpico em Porto Alegre (1954). Na década seguinte, Morumbi em São Paulo (1960), Mineirão em Belo Horizonte (1965) e Beira-Rio em Porto Alegre (1969)²³. E então, na década de 1970, atingindo estados com pouca tradição no futebol até o momento: Batistão (Sergipe, 1969), Rei Pelé (Alagoas, 1970), Vivaldo Lima (Amazonas, 1970), Moreirão (Mato Grosso do Sul, 1971), José do Rego Maciel (Pernambuco, 1972), Machadão (Rio Grande do Norte, 1972), Castelão (Ceará, 1973), Albertão (Piauí, 1973), Mané Garrincha (Distrito Federal, 1974), Serra Dourada (Goiás, 1975), Almeidão (Paraíba, 1975), Verdão (Mato Grosso, 1976), Bezerrão (Distrito Federal, 1977), Mangueirão (Pará, 1978) e João Castelo (Maranhão, 1982)²⁴. Sobre este período de intensa construção de

²² FRAGA, Gerson Wasen. "A derrota do Jeca" na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, IFCH, Porto Alegre, Ano de Obtenção: 2009.

²³ À diferença do que aconteceu nos outros estados, Porto Alegre tem como característica a falta de um estádio municipal. Grêmio e Internacional trataram de construir seus patrimônios com recursos privados, mas acabam sem enquadrando no contexto nacional, a medida que as iniciativas nos projetos respondem às mesmas necessidades decorrentes da massificação do futebol observadas nas outras grandes capitais do Brasil.

²⁴ Disponível em http://www.worldstadiums.com/south_america/countries/brazil.shtml, acessado em

estádios, Gaffney lembra que “tão frenética foi a construção de estádios que já em 1970 o Brasil possuía oito dos dez maiores estádios do mundo.” (2009, p. 32.)

Todos estes estádios, estruturalmente se assemelham ao Maracanã. É por isso que digo que o estádio municipal carioca é o modelo desta geração de estádios. Seu objetivo primeiro focava na capacidade total de público, e, conseqüentemente, trocava beleza arquitetônica por vigor, o suficiente para receber tanto mais gente quanto possível. Desta forma, em detrimento de qualquer espécie de conforto, as arquibancadas não possuíam cadeiras; eram construídas em cimento nu de forma que o público, de pé, visse o jogo.

De forma geral, todos estes estádios respondiam às finalidades governamentais de enraizar na identidade em formação do brasileiro o espírito do futebol. Ou seja, inicia-se com o interesse do Estado Novo e abrange o do regime militar a pulverização de estádios de futebol ao longo das capitais brasileiras. Seu objetivo é claro: tornar o público atraído pelo jogo de futebol e identificá-lo com uma forma “tipicamente brasileira” de praticar a atividade física e exercer seu papel identitário e cultural.

III. O ESTÁDIO DE FUTEBOL NA REELITIZAÇÃO

Especificamente no caso inglês, berço das reformas dos estádios, estas vieram sob a motivação do aumento da segurança. Uma seqüência de desastres até 1989, data do desastre de Hillsborough,²⁵ incluindo o episódio da final da Copa dos Campeões de 1985 entre Liverpool e a Juventus no estádio Heysel, em Bruxelas, quando 39 pessoas morreram e 454 ficaram feridas, despertou a preocupação do poder público. Por meio de relatórios, que estudavam métodos de reduzir os riscos de novos acidentes nos estádios, algumas medidas foram sendo, paulatinamente, adotadas.

O primeiro estudo se chamou Relatório Wheatley, e se motivou a partir de um caso no estádio Ibrox, do Glasgow Rangers²⁶. Ele “recomendou um alvará mais severo para os campos de futebol”, entretanto se mostrou insuficiente (GIULIANOTTI, 2002, p. 102).

11/05/2009.

²⁵ O episódio ocorrido em Sheffield Hillsborough numa semifinal da Copa da Inglaterra resultou de um julgamento errado da polícia, que a fim de desafogar uma rua no entorno do estádio, decidiu por abrir os portões, e muita gente sem ingresso teve acesso ao estádio,

²⁶ “Em 1971, o segundo desastre de Ibrox matou 66 e feriu 145. Os torcedores do Rangers saíram do campo aos

Em decorrência do episódio em Heysel e outros dois casos, em 1986 publicou-se o Relatório Popplewell: “a filosofia social de Popplewell refletia o dominante espírito tatcherista que pairava no ar e que, lamentavelmente, não tinha conhecimento da cultura do futebol nem das exigências infra-estruturais” (GIULIANOTTI, 2002, p. 103). Sem discutir a infra-estrutura dos estádios, a grande modificação deste relatório foi a obrigatoriedade da instalação de circuitos fechados de televisão (CCTV).

Não obstante, e retomando o desastre em Hillsborough, as modificações do Relatório Popplewell não foram eficazes para impedi-lo: “e o que é mais deprimente: o estádio vangloriava-se de um excelente sistema de CCTV que, na realidade, monitorou o desenrolar do desastre desde o começo” (GIULIANOTTI, 2002, p. 104). Foi atribuída como principal causa o temor da polícia em relação a uma atividade *hooliganista* por parte dos torcedores do Liverpool, fato que naquele momento não existiu: “um estudo detalhado do desastre criticou políticos, polícia, comentaristas da mídia, acadêmicos e autoridades do futebol por exagerarem a importância do *hooliganism* “em detrimento da organização da multidão e da segurança” (GIULIANOTTI, 2002, p. 104).

Como resultado deste episódio, em 1990 é lançado o Relatório de Taylor que

recomendou que deveriam ser feitas mudanças estruturais importantes para humanizar o ‘habitat hostil do futebol’ (WALVIN, 1994, p. 197). [...] Recomendou que os clubes da primeira e segunda divisão da Inglaterra e o escocês da primeira divisão convertessem seus estádios em campos com assentos para todos no início da temporada de 1994-1995, uma proposta mais tarde decretada pelo Parlamento (GIULIANOTTI, 2002, p.104-105).

Conseqüentemente, os clubes foram forçados a, ao menos em parte, financiar aquelas reformas. Como resultado, houve uma grande redução da capacidade dos estádios com aumento do preço dos ingressos:

Os clubes passaram a considerar assentos como recursos escassos, aumentando o preço dos ingressos em temporadas e reduzindo a oportunidade de comprá-los na bilheteria. [...] Esses aumentos de preços e o acirramento das desigualdades de renda, cortesia da administração Thatcher, garantem que, a partir de agora, cada vez mais é menos provável que os maiores estádios recebam seu antigo público da classe operária para os principais jogos (HORTON, 1997) [...] A exclusão de muitos torcedores comuns do mercado é, no entanto, uma característica do futebol profissional no continente [europeu]. [...] Essa multiplicação perversa do valor de

bandos, após perderem no último minuto, para o Celtic, o que parecia um gol decisivo. Houve um inacreditável empate quase imediatamente depois; os torcedores que saíam voltaram em direção à multidão que descia; um grande número de pessoas rolou pela famosa escadaria 13.” (GIULIANOTTI, 2002, p. 102).

troca do ingresso ridicularizava a retórica das autoridades do futebol sobre “jogo honesto”. Favorece o público rico, espectadores menos apaixonados em detrimento de torcedores devotos, e arruína as próprias estratégias de segregação e anti-hooligans das autoridades, estimulando um mercado desregulado de transações de ingressos (GIULIANOTTI, 2002, p. 107-109).

Este período foi assim sintetizado por Gaffney:

Nos anos 1990 e começo da década de 2000, após décadas de violência relacionada aos estádios, os estádios britânicos passaram por uma transformação radical. A maior mudança foi a eliminação de lugares em que o público ficava em pé, geralmente destinado aos fãs da classe operária. A ordem governamental para a emergência de estádios onde toda a audiência está sentada teve dois efeitos relacionados. Em primeiro lugar, porque os clubes, não os municípios, foram obrigados a arcar com os custos destas renovações, os preços dos ingressos aumentaram consideravelmente. Isto causou o afastamento de muitos fãs das classes operária e baixa. Em segundo lugar, aqueles que podiam pagar pelos tíquetes foram confinados a assentos monitorados por circuitos internos de televisão e por uma crescente vigilância particular. Enquanto muitos reclamam da perda da atmosfera tradicional gerados pelos fãs mais pobres (na medida em que a audiência se tornou mais velha, rica e sossegada), o futebol britânico floresceu na era pós-Taylor. O modelo de estádio all-seater foi adotado tanto pela FIFA como pela UEFA em 1995, exigindo que todas as partidas internacionais e continentais fossem jogadas sem torcedores em pé. A tendência a um maior controle da multidão, a partir de arranjos nas arquibancadas, está remodelando estádios por todo o mundo.(GAFFNEY, 2009, p. 12)

Desta forma, a partir da década de 1990 pode-se dizer que houve uma grande modificação do público freqüentador de estádios de futebol na Inglaterra. Alguns anos depois, as reformas previstas pelo Relatório de Taylor, foram em grande parte, incorporadas pela FIFA, que hoje exige que todos seus filiados que pretendam sediar jogos internacionais devam se enquadrar naquele modelo de estádio. Questiona-se, de antemão, a viabilidade de tais modificações nos países em desenvolvimento, como o Brasil.

Afim de ilustração para o caso brasileiro, citaremos o caso da Arena da Baixada, do Atlético Paranaense, inaugurado em 1999 na cidade de Curitiba, primeiro estádio brasileiro no modelo europeu de estádio retangular e com assentos por toda sua extensão.

A Arena da Baixada nos serve para exemplificar a nova idéia que permeia a utilização do estádio de futebol. No site oficial do clube é informado que sua capacidade atual é de pouco mais de 28 mil torcedores, com previsão de atingir 40 mil lugares; dentre os serviços disponibilizados, é oferecido um “posto de informações turísticas de Curitiba, cadeiras cobertas em todos os setores; 68 lanchonetes e restaurantes; 21 banheiros (11 masculinos e 10 femininos); 500 vagas em estacionamento; 6 elevadores convencionais e 2

panorâmicos”. Conta também com 76 camarotes e “63 câmeras e uma central de controle para o monitoramento de todo o estádio”.²⁷

Sabendo, *a posteriori*, que este estádio não é uma obra isolada e sim parte de uma nova tendência de projeto de estádios de futebol, pode-se chegar a algumas diferenciações em relação àquela do início da segunda metade do século XX: primeiramente a substituição da arquibancada em cimento nu por cadeiras cobertas; em segundo lugar – e como consequência do primeiro – a redução da capacidade do estádio; depois, chama a atenção o elevado número de camarotes e câmeras de segurança, mas principalmente, a quantidade de banheiros femininos disponíveis (48% do total). Isto indica, claramente, a mudança dos setores da sociedade a quem o estádio vai ser oferecido.

²⁷ Todas as informações foram extraídas do site oficial do Atlético Paranaense, disponível em <http://www.atleticoparanaense.com/arena/> acessado em 03/11/2009.

CAPÍTULO 3 – O GRÊMIO E A ALTERNÂNCIA DAS CLASSES PREDOMINANTES ATRAVÉS DE SEUS ESTÁDIOS

Este terceiro capítulo tem a ambição de averiguar como os processos históricos descritos no primeiro e no segundo capítulos se aplicam ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Para tanto, utilizarei o jornal Correio do Povo, a Revista do Grêmio, edições especiais da Revista Placar, a Revista Grêmio 70, a Revista Imortal Tricolor, a História Ilustrada do Grêmio e uma compilação da história do clube realizada pelo Memorial do Grêmio, autoria de Raimundo Bordin, como ferramentas de fonte primária.

Devido a dificuldades naturais da pesquisa – grande delimitação temporal e raridade da fonte primária Correio do Povo nas duas primeiras décadas do século XX –, tive que estabelecer períodos de pesquisa que foram relevantes ao tema e que houvesse disponibilidade de material nos arquivos de Porto Alegre. É pela razão da ausência de material nos arquivos, portanto, que o período de fundação do Grêmio e inauguração do Estádio da Baixada não foram pesquisados, o que foi suprimido pela felicidade de encontrar uma reportagem comemorativa ao oitavo aniversário de fundação do Grêmio (1911), com vasta – para os padrões da época – descrição da história do clube até aquele momento.

Assim, outros períodos que julguei importantes para esta pesquisa e que foram passíveis de análise documental são: 1912, 1918, 1929, a década de 1940 em geral, o período imediatamente anterior à inauguração do Olímpico, e, posteriormente, a construção do anel superior do estádio, e, também, recentemente, o processo de planejamento da Arena do Grêmio.

O ano de 1912 se constituiu importante uma vez que foi quando se inaugurou o primeiro pavilhão social do Estádio dos Moinhos de Vento, e o ano de 1918 foi o ano da construção do segundo pavilhão social, o que, evidentemente, representou uma ampliação da capacidade, em resposta à demanda da época.²⁸²⁹ O ano de 1929 apareceu como de extrema

²⁸ Informações retiradas da História Ilustrada do Grêmio e de SPOLAORE, Gianfranco. *Coração Tricolor: a história completa do Grêmio de 1903 a 2007*. Porto Alegre: Editora Alcance, 2008.

importância, ao ser averiguado um projeto de construção de um novo estádio de futebol, mediante a situação acanhada do primeiro campo do Grêmio:

Lançada a semente por Alvaro Antunes, de saudosa memória, seus companheiros comungavam com êle do mesmo pensamento e idéia, tendo à frente o Dr. Aurélio Py, levaram avante, em 1929, plano geral de ação visando a dotar o Grêmio de um futuro estádio. Comportava inicialmente um investimento de grande vulto, que seria sustentado pelos 1.000 sócios militantes da agremiação, dos quais 200 praticavam esportes, no futebol tênis, cestobol, voleibol e atletismo. Da concorrência aberta entre as principais firmas construtoras da capital, surgiram planta e orçamento de Dickerhoff & Widmann, no valor de 2.000 contos de réis. Tratava-se de trabalho de impressionante belza, digno do progresso do Grêmio e do esporte do Rio Grande do Sul. O magnífico projeto apresentado previa, em área de terreno de 230 x 175 metros, num total de 40.250 metros quadrados, no corpo central do estádio, uma bacia principal de 200 x 125 metros, com 3 arquibancadas de cimento armado, duas retas e uma semi-circular, em forma de ferradura, com 20 metros de projeção horizontal e 40 degraus, para 20.000 espectadores, dentro da qual se localizava um campo de futebol com 110 x 72 metros. [...] O salutar espírito de emulação, aliado à imperiosa necessidade de contar com os requisitos indispensáveis para o desenvolvimento das atividades associativas do destacado clube da “Baixada” não impediram o adiamento da obra, por razões financeiras momentaneamente insuperáveis. Estava, entretanto, maduro na ambição de progresso de dirigentes e associados o objetivo colimado, sonho que haveria de se tornar exequível a longo prazo.³⁰

Depois de 1929, foco a década de 1940, período em que se dá a consolidação da idéia de construção do futuro Estádio Olímpico, vide os seguintes fatos:

E, na presidência do prof. Telêmaco Frazão de Lima, a questão mereceu um carinho todo especial, isso no ano de 1940. Com o apoio do dr. Aneron Correia de Oliveira, o empreendimento passou a marchar. No dia 16 de setembro do mesmo ano, no salão nobre da Prefeitura Municipal, na gestão do dr. José Loureiro da Silva, era firmado solenemente o primeiro compromisso oficial para a troca do terreno da Baixada por outro localizado na av. Carlos Barbosa. Quando ocupou a presidência do Grêmio, em 1941, o dr. Aneron Correia de Oliveira, fez colocar no local objeto da transação a pedra fundamental do Estádio Olímpico. Porém, somente em 1948 foi que conseguiu o clube a posse definitiva da gleba em que viria a instalar-se definitivamente.³¹

Os primeiros cinco anos da década de 1950 foram destinados à efetivação do planejamento da década anterior, até que em 19 de setembro de 1954 o Estádio Olímpico foi

²⁹ A fim ilustrativo apresento nos anexos C e D fotografias do período anterior a construção do primeiro pavilhão social, este apresentado nos anexos F e G. O segundo pavilhão social está no Anexo I.

³⁰ Revista Grêmio 70, nº 3 – de 1927 a 1940; p. 91, 92 e 94.

³¹ História Ilustrada do Grêmio, vol. 4 1936-1954, p. 24.

definitivamente inaugurado³² O período compreendido entre 1954, inauguração do Estádio Olímpico, e 1980 foi destinado às obras complementares do anel superior, completando o planejamento do estádio de grande capacidade.

O marco temporal mais recente se desenvolveu entre os anos 2006 e 2009, sob análise da construção da idéia da necessidade de um novo estádio para o Grêmio, que cumprisse seu novo papel de constituir um espaço seguro, confortável e com bons serviços, a fim de atrair setores elitizados da sociedade.

De forma geral, a primeira parte deste capítulo é destinada a analisar o período de surgimento e consolidação do Grêmio como parte integrante de uma elite germânica de Porto Alegre. Em seguida, o foco se volta ao período que emerge a necessidade de um novo e grande estádio que satisfizesse as necessidades do momento de crescimento do quadro social, no rastro da popularização do futebol no estado do Rio Grande do Sul. Depois, brevemente situo a efetivação daquele plano: a construção do Estádio Olímpico, e, posteriormente, sua ampliação. Conclui-se então o período coincidente à popularização do Grêmio. Dou um salto até os anos 2000, período de projeção da idéia de um terceiro estádio na vida do Grêmio, atendendo às necessidades que se fazem presente. A Arena do Grêmio, ainda em projeto, somente, é fruto de um processo histórico que teve início na Inglaterra, e, adotada pela FIFA, rapidamente se espalhou pela Europa, ainda nos anos 90, e agora atinge a América do Sul, em especial o Brasil.

I. O SURGIMENTO DO GRÊMIO NA ELITE PORTO ALEGRENSE

Se as modas européias demoravam décadas para serem incorporadas pela elite da capital brasileira, podemos então traçar um equidistante temporal do centro do país para o centro do estado. Embora a porta de entrada do futebol em Porto Alegre não tenha sido o porto do Rio de Janeiro, mas sim o porto de Rio Grande, podemos muito bem adequar aquele comportamento da elite, observado por Mascarenhas, no que tange à restrição das atividades físicas, se admitirmos que o esporte mais reportado nas “Notas Sportivas” do jornal Correio

³² Correio do Povo, 21 de setembro de 1954.

do Povo nas décadas de 1910 e 1920 era o turfe. Aos poucos é que se foi incrementando a relevância do futebol àquela sociedade, com bom destaque também ao *rowing* – ou remo.³³

Infelizmente, pouco sobra de registros históricos do período de formação das primeiras agremiações de futebol na cidade de Porto Alegre, na década de 1900. Dos arquivos a que tive acesso, nenhum mais possui edições do jornal Correio do Povo deste período. No entanto, o jornal de nove de setembro de 1911 reporta a vinda do Spor Club Rio Grande para Porto Alegre onde, na sede da União Velocipédica, jogou a primeira partida em sete de setembro de 1903, momento embrionário dos dois primeiros clubes de futebol porto-alegrenses, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Fuss-Ball Club Porto Alegre:

Fez, ante-hontem, 8 annos que o Sport-Club do Rio Grande veiu a esta capital, onde, pela primeira vez, jogou um match³⁴ intimo de foot-ball, em Porto Alegre. Nessa epoca o foot-ball era desconhecido entre nós, sendo, portanto, aquella associação a introductora deste sport. Nestes 8 annos o foot-ball conquistou grandes sympathias: occupando invejável posição entre os seus congeneres. A todas as associações sportivas deve-se o aperfeiçoamento e o engrandecimento deste ramo de educação physuca entre a mocidade sportiva.³⁵

De uma reportagem comemorativa ao aniversário de oito anos do Grêmio, publicada repartida entre os dias 17, 21, 22 e 23 de setembro de 1911, pude extrair importantes fragmentos para entendimento do processo de fundação do Grêmio, fruto da elite germânica porto-alegrense³⁶:

Voltando á fundação do laureado Gremio, que, como abaixo se verá, passou a sua existencia debaixo de continuas victorias, tem a primeira sessão presidida pelo sr. Guilherme França Junior. Nessa reunião, indicaram-se os srs. Pedro Haeffner, Guilherme Uhrig e Alvaro Brochado para confeccionar os estatutos. Dias após, era eleita a primeira directoria [...]. Conforme a primeira acta, foram em numero de 32 os socios fundadores.³⁷

Os primeiros anos de existência do Grêmio tinham como cenário um espaço esportivo amplamente influenciado pelo padrão inglês e um estágio ainda muito inicial e

³³ A região dos Moinhos de Vento era caracterizada pela forte presença alemã e considerada um centro esportivo de Porto Alegre no início do século XX, pois abrigada o hipódromo e o estádio de futebol da cidade (ver anexos A e B).

³⁴ Os termos em destaque são da redação do jornal, que assim o fazia a todas as palavras com grafia inglesa adotadas pela ortografia portuguesa.

³⁵ Correio do Povo, 09 de setembro de 1911.

³⁶ Convém dizer que no mesmo dia, foi fundada outra agremiação voltada à prática do futebol, nomeada Fuss-Ball Club Porto Alegre, também de origem germânica.

³⁷ Correio do Povo, 17 de setembro de 1911.

superficial do fenômeno de adoção das atividades físicas pela sociedade. A seguir exponho três extrações do jornal Correio do Povo de edições de julho e agosto de 1912 que exemplificam isto:

*Acaba de ser conhecido no Rio, o resultado do sétimo encontro de foot-ball rugby, entre as equipes seleccionadas da França e da Inglaterra.*³⁸

*Buenos Aires, foi disputado o 3º match internacional de foot-ball entre os teams Sundontow e La Argentina; terminou por empate a 2 goals por 2. O entusiasmo do publico foi extradordinario. Assistiram ao match 25.000 pessoas.*³⁹

*Os alumnos das escolas superiores desta capital preparam-se para disputar um campeonato acadêmico, seguindo o exemplo das universidades de Oxford e Cambridge.*⁴⁰

No primeiro chama a atenção o fato de ainda em 1912 existir a indefinição do foot-ball association e do foot-ball rugby, uma vez que aquela notícia estava incluída na sessão “Foot-ball” das “Notas Sportivas”. A segunda nos atenta o fato de ser um espaço ainda muito atrasado, em relação aos esportes em regiões vizinhas, como a Argentina. E a terceira revela a aspiração do mundo esportivo inglês ao organizar campeonatos no meio acadêmico, como aqueles da segunda metade do século XIX nas escolas inglesas. Ou seja, encontrava-se, àquele período, Porto Alegre num estágio de desenvolvimento muito inicial do futebol.

Como caracterização geral da opinião da imprensa sobre o jogo de futebol e sobre o comportamento esperado do público, ilustraremos com um fato ocorrido quando de uma partida entre Fuss-Ball e 7 de Setembro, ambos clubes de Porto Alegre, em agosto de 1912, a torcida local tratou desrespeitosamente o grupo de jogadores do outro time, fato assim julgado pelo jornal Correio do Povo:

A segunda partida não foi jogada, devido a um conflicto sobrevindo na hora do descanso, sendo, assim, proclamado vencedor o Fuss-Ball Club. Ao encerrarmos a descipção dos matchs de domingo ultimo, temos a fazer ligeiros comentários sobre os factos occorridos. O entusiasmo, em dias de torneios, é apreciavel e até característico do interesse com que os sportmen acompanham todo o desenvolvimento das diversas provas. Ha, porém, no publico que estima as reuniões sportivas, uma parte – pequena, felizmente – de torcedores, mas torcedores extremados, que se abeiram do recinto do ground, e dahi intervêm, com ditos

³⁸ Correio do Povo, 05 de julho de 1912.

³⁹ Correio do Povo, 14 de julho de 1912.

⁴⁰ Correio do Povo, 18 de agosto de 1912.

impróprios, dirigidos aos foot-ballers pertencentes ao clube seu desafeiçoado. A entrada de taes elementos, nos campo, deve ser obstada, de qualquer maneira. Si assim não se fizer, muito perderão as associações sportivas, porque verão desertar de suas fileiras distintos jovens que cultivam o sport com carinho, mas não desejam de fórma alguma, expor-se a grosserias, ou a serem ameaçados de apanhar, quando vão divertir-se. Si não houver medidas energicas, a respeito, aos poucos voltaremos aos antigos tempo, quando, pelo mesmo motivo, a custo se via uma família no ground. E, perderão, com isso, todos quando se dedicam ao sport nesta capital, porque taes abusos contribuirão para o seu descrédito. Convém que os factos occorridos ante-hontem não se reproduzam, e a competente acção repressiva cabe ás agremiações empenha-las no desenvolvimento do foot-ball entre nós.⁴¹

Sobre o público freqüentador das partidas de futebol, exemplificaremos com as expectativas apresentadas pela redação do Correio do Povo quanto a uma partida válida pelo Wanderpreis, entre os dois mais antigos clubes do esporte bretão em Porto Alegre:

Finalmente, teremos, hoje, o almejado encontro entre o “Fuss-Ball Club Porto Alegre” e o “Gremio Foot Ball Porto Alegrense”, os cuaes, conjuntamente, disputarão a classica taça do Wanderpreis. Vae ser um match de grande attracção, não só pelo bom jogo que se terá occasião de apreciar, como pela numerosa e selecta concorrência que affluirá ao amplo ground dos Moinhos de Vento.⁴²

Chama a atenção o adjetivo “selecta” para definir o tipo de público que seria esperado para tão esperada partida, o que de fato é confirmado pela edição de três dias depois, quando reportam a realização do jogo e comentários a fins:

Foi um verdadeiro acontecimento sportivo o match do Wanderpreis, realizado ante-hontem, no vasto gound dos Moinhos de Vento. Tudo contribuiu para o brilhantismo do torneio: a tarde magnífica e a concorrência numerosa e selecta. As bancadas e o pavilhão estavam occupados por extraordinário numero de senhoritas e senhoras.⁴³

E complementando o cenário, percebemos a reação de um público muito educado que se refere cordialmente e respeitosamente aos jogadores de ambos os clubes, como se aqueles tivessem, na verdade cumprindo um papel de lazer, a semelhança de uma peça de teatro:

⁴¹ Correio do Povo, 20 de agosto de 1912.

⁴² Correio do Povo, 22 de outubro de 1911.

⁴³ Correio do Povo, 25 de outubro de 1911.

Ao sair do campo, vencedores e vencidos foram entusiasticamente aclamados pela numerosa assistencia.⁴⁴

Em outro momento, no ano seguinte, outro jogo entre os dois maiores clubes de futebol de Porto Alegre, destaca-se na reportagem a presença de mulheres e famílias entre os assistentes do grande jogo:

A nota chic foi dada pelo elemento feminino. [...] Ao redor do alambrado do ground dos Moinhos de Vento, havia, desde as primeiras horas da tarde, verdadeira impaciencia pelo jogo. Ali, também, se notava a presença de avultado numero de famílias. As apostas foram elevadas, havendo uma vaga esperança na victoria do Fuss-Ball, attendendo-se ao seu grande preparo. Apesar disso, quasi todos torciam para o Gremio, destacando-se duas senhoritas, que estavam ao nosso lado, nervosas e impacientes.⁴⁵

Desta forma, é objetivo deste segmento, comprovar via jornal Correio do Povo o surgimento elitista do futebol em Porto Alegre, especificamente no Grêmio. O fizemos ao encontrar elementos distintivos de comportamentos adequados com a presença de uma elevada camada social e também pela própria caracterização dos expectadores do jogo de futebol pelo jornal.

II. O GRÊMIO CRESCE E SE POPULARIZA

O primeiro campo de futebol do Grêmio, inaugurado em 1904, sequer apresentava espaço reservado a comportar publico expectador até 1912⁴⁶. Era destinado unicamente aos jogadores de futebol, que acabavam também acumulando papéis dirigentes do clube:

Os primeiro sinais efetivos de melhoramentos maciços no “ground” dos Moinhos de Vento se fizeram sentir em dezembro de 1910, quando Oswaldo Siebel propôs fosse o terreno cercado e abertos 2 portões de acesso. Já em abril de 1911, por proposta de Augusto Koch, foi nomeada uma comissão para angariar donativos para a

⁴⁴ Correio do Povo, 25 de outubro de 1911.

⁴⁵ Correio do Povo, 24 de julho de 1912.

⁴⁶ Anexos C e D. Para demais fotografias do Estádio da Baixada, ver os anexos E, H, J e L, onde visões panorâmicas do local nos dão a possibilidade de compreender este espaço esportivo.

*construção do pavilhão social e fechamento da área, com despesas orçadas em 10 contos de réis.*⁴⁷

Em 1912 é inaugurado o primeiro pavilhão social do campo dos Moinhos de Vento que possuía capacidade de 600 pessoas.⁴⁸ Este pavilhão apresentava claros traços de arquitetura germânica e foi erguido entre as ruas Dona Laura e Mostardeiro.⁴⁹ No ano de 1918 o campo dos Moinhos de Vento sofreu uma reforma: “os primeiros sinais de precariedade causados pela ação do tempo, associados à popularização do futebol no estado, motivaram o Grêmio a restaurar e ampliar o 1º pavilhão”⁵⁰, dando origem ao “Segundo Pavilhão Social”.⁵¹ Sobre esta reforma do campo dos Moinhos de Vento, pelo que foi possível averiguar, foi minimamente reportada pela imprensa:

*O campo dos Moinhos de Vento foi o local escolhido para o “match” de hoje do campeonato da Associação Porto Alegrense de Desportos”. Naquelle local, que acaba de passar por grandes reformas, encontrar-se-ão as equipes do valoroso “Gremio Foot-Ball Porto Alegrense e do “S. C. Cruzeiro”.*⁵²

Esta estrutura, que comportava aproximadamente quatro mil pessoas, se manteve por longos 26 anos (1918 até 1944)⁵³. É surpreendente que um dos maiores clubes de futebol de Porto Alegre sitiesse suas partidas até um período de avançada popularização do futebol, contribuída pela profissionalização e pela política do poder público de incentivo à prática.⁵⁴ Creio que isto só foi possível devido à presença de cinco estádios maiores em Porto Alegre, como apresentarei a seguir.

Assim, foi possível encontrar na imprensa escrita, especificamente o jornal Correio do Povo, indícios que nos permitem crer que o Estádio da Baixada não cumpria seu papel desde muito cedo. Mesmo em 1919, já é reportado que o estádio “tornou-se pequeno” para o

⁴⁷ História Ilustrada do Grêmio. Vol. 2, 1910-1918, p. 10.

⁴⁸ Informação não confirmada retirada da reportagem “Da Baixada à Arena: Grêmio sai do olímpico para seguir crescendo”, assinada por Ana Acker e Isabel Vieira, disponível em <http://www.clicrbs.com.br/esportes/rs/noticias/default,2349327,Da-Baixada-a-Arena-Gremio-sai-do-Olimpico-para-seguir-crescendo.html>, acessado em 24 de novembro de 2009.

⁴⁹ O primeiro pavilhão social do Grêmio está registrado nos anexos F, G e H.

⁵⁰ Texto extraído da exposição no Memorial do Grêmio, painel “1913 a 1918”.

⁵¹ Ver anexo I.

⁵² Correio do Povo, 18 de agosto de 1918.

⁵³ Embora exista o número de quatro mil pessoas de capacidade, ele se refere somente ao pavilhão social. Áreas adjacentes eram passíveis de comportar público, como podemos ver por fotografias, de forma que o estádio tenha abrigado em determinado período até 10 mil pessoas.

⁵⁴ Vide capítulo 2.

público que se apresentou a fim de assistir a um Grêmio e 14 de Julho, válido pelo “torneio inter-municipal”:

Desde que se cultiva o foot-ball, entre nós, pode-se francamente dizer que ainda não se realizou um match tão concorrido como o que se effectuou na tarde de ante-hontem. O vasto Field dos Moinhos de Vento tornou-se pequeno, por assim dizer, para conter a massa do povo que ali affluu, para apreciar o ultimo torneio inter-municipal entre sant’annenses e porto alegrenses.⁵⁵

Além disto, apresento duas notas da diretoria do Grêmio, publicadas no Correio do Povo, nas edições anteriores a grandes jogos na Baixada, que tratam da crescente preocupação com a falta de espaço do estádio:

Preços das entradas: Pavilhão da rua D. Laura – 4\$000; Geraes – 3\$000; Senhoras, menores e praças pret. – 2\$000. O Pavilhão, sede do Gremio, será, exclusivamente, para os socios do mesmo, que terão ingresso mediante o recibo n. 9, do mez corrente.⁵⁶

Uma nota do Gremio – Da thesouraria do Gremio, recebemos a seguinte nota: “Para a partida de amanhã, os srs. socios terão entrada franca, mediante a apresentação do recibo n. 9-10. Sendo pequeno o pavilhão destinado aos srs. socios, cujo numero é avultadissimo, a directoria pede aos mesmos que não se façam acompanhar de pessoas estranhas, mesmo pagando entradas, e bem assim avisa que, indirectamente, não serão permittidas entradas de favor.” As entradas serão cobradas á razão de 3\$000 (geraes) e 2\$000 (menores).⁵⁷

Ou seja, em 1929 e 1931 já se fazia restrições quanto a acompanhantes de sócios no pavilhão, em virtude de o mesmo não comportar sequer o quadro social do clube. Em outubro de 1931 foi relatada a completa ocupação do estádio do Grêmio, quando de um Gre-Nal, em 18 de outubro de 1931:

Muito antes do inicio da partida dos quadros secundários, já era grande o numero de desportistas que enchem as dependências do campo da “baixada”. E esse numero foi sempre crescendo até a hora do jogo principal, quando, então, já não havia um lugar desoccupado. Era encantador o aspecto que apresentava o

⁵⁵ Correio do Povo, 21 de outubro de 1919.

⁵⁶ Correio do Povo, 07 de setembro de 1929.

⁵⁷ Correio do Povo, 04 de outubro de 1931.

“Stadium” do veterano Grêmio, assinalando, na tarde de ante-hontem, a maior assistência do anno em jogos do campeonato local.⁵⁸

Em 1944 a necessidade de um espaço mais amplo para comportar a torcida era tão grande que nem mediante apresentação de ingressos era permitida a entrada de acompanhantes de sócio no pavilhão social.⁵⁹

A diretoria do Grêmio lembra aos associados que, de acordo com os estatutos, não será permitida a entrada de pessoas estranhas no pavilhão social, mesmo quando acompanhadas de sócio e munidas de entrada.⁶⁰

Retomando a hipótese do motivo de o Grêmio ter mantido sua casa no Estádio da Baixada por alongado tempo, lembramos que ainda na década de 1920, surge um estádio em Porto Alegre com capacidade maior:

O local dos embates será o campo do veterano Foot-Ball Club Porto Alegre, cujo stadium comporta, em nossa capital, maior assistencia. [...] Vigorarao os seguintes preços: Pavilhão 3\$000, Geraes 2\$000. Senhoras e senhoritas terão ingresso franco.⁶¹

Além deste, a década de 1930 foi marcada pela inauguração de três grandes estádios de futebol em Porto Alegre: em 1931, o Estádio dos Eucaliptos, do Internacional, em 1934 o Estádio da Timbaúva, do Força e Luz, e em 1935 o Estádio Tiradentes, popular “Waterloo” do Renner. E em 1941 foi inaugurada a “Colina Melancólica”, ou Estádio da Montanha, do Cruzeiro. Assim, a maioria, e principalmente os grandes jogos de futebol em Porto Alegre aconteciam em um desses cinco estádios, e, embora o Grêmio não possuísse um estádio a sua altura, acabava usufruindo da estrutura alheia, sem que desta forma dependesse esforços na construção de um estádio maior.

Mesmo assim, há relatos da tentativa de construção de um estádio de futebol, planejado em 1929, que não foi efetivado devido à falta de recursos financeiros naquele

⁵⁸ Correio do Povo, 20 de outubro de 1931.

⁵⁹ Em 1939 o segundo pavilhão é derrubado (ver anexo N) para construção do terceiro e último pavilhão social do Estádio da Baixada. Chama a atenção o fato de neste momento a troca de estádio já estar encaminhada e mesmo assim a construção de um novo pavilhão foi viabilizada, somando ao argumento da desproporção entre o tamanho do clube e do seu estádio.

⁶⁰ Correio do Povo, 28 de julho de 1944.

⁶¹ Correio do Povo, 29 de março de 1929.

momento.⁶² Nas edições do Correio do Povo dos dias 15 de setembro, aniversário do Grêmio, no ano de 1929 e no ano de 1940, em meio à reportagem comemorativa, foram redigidas notas referenciais ao planejamento do Grêmio:

O FUTURO STADIUM GREMISTA – Sendo por demais acanhada a praça desportiva do Gremio, a sua directoria, desde o principio da gestão, vem trabalhando para conseguir uma grande área de terra, onde possa construir o futuro stadium gremista, premente necessidade, não só para o Gremio, como para o mundo desportivo da capital e do Rio Grande do Sul. A planta desse magnífico stadium já está delineada nos seus contornos principais e sua localização é que tem trazido embaraços, havendo já dois terrenos em optima condição, porem devido aos seus proprietários dependerem de soluções particulares, o assumpto ainda não foi resolvido.⁶³

O FUTURO STADIUM – A maior aspiração da grande torcida gremista, e que, alias, vem se impondo como uma necessidade inadiável, é a construcção de um stadium. A actual direcção do Gremio vem se esforçando sobremaneira para resolver o assumpto, o que ainda não foi possível por motivos de força maior. Felizmente, as negociações já estão em bom termo, dependendo, apenas da solução dos proprietários do terreno. Resolvido este assumpto, poderá a directoria do Gremio dar mãos a obra e, em menos de dois annos, a bandeira tricolor será hasteada no novo stadium. Devemos destacar nestas linhas o esforço e a dedicação empregados na transação do terreno pelo dr. Aneron Corrêa de Oliveira, 1º vice-presidente e membro da comissão pró-stadium.⁶⁴

Este último reporte faz referência ao embrião que em quatorze anos se transformaria no novo estádio do Grêmio. O projeto do Estádio Olímpico tem início na década de 1940, como anteriormente dito.⁶⁵ No primeiro ano da década era firmado um acordo com o governo do estado para permuta da área do Estádio da Baixada, por uma maior na avenida Carlos Barbosa.⁶⁶ Um ano depois, foi posta a pedra fundamental da construção do Estádio Olímpico. Em 1948, foi oficializada a troca das áreas envolvidas, para então, em 1951, após a realocação dos habitantes da Vila Caiu do Céu, que localizava-se no atual terreno do Grêmio, iniciar as obras de terraplanagem para posterior erguimento do edifício. Em 1953 inicia-se a fase da construção,⁶⁷ e em 19 de setembro de 1954, inaugura-se o Estádio Olímpico, materializando o crescimento e a popularização do Grêmio;⁶⁸ fato reconfirmado com a expansão do estádio e finalização do anel superior, o que provoca a troca de nome para Estádio Olímpico

⁶² Este projeto de estádio está evidenciado no anexo M.

⁶³ Correio do Povo, 15 de setembro de 1929.

⁶⁴ Correio do Povo, 15 de setembro de 1940.

⁶⁵ Vide anexo O, onde está representada uma ilustração de como se projetava o Estádio Olímpico.

⁶⁶ Sobre a permuta das áreas do Moinhos de Vento e da Azenha vide anexo P.

⁶⁷ Sobre a construção do Estádio Olímpico vide anexos Q e R

⁶⁸ Sobre a inauguração do Estádio Olímpico vide anexo S.

Monumental, estádio que chegou a comportar 98.421 torcedores em 1981,⁶⁹ mas hoje somente 45 mil, segundo o Cadastro Nacional dos Estádios de Futebol da Confederação Brasileira de Futebol.⁷⁰

III. O GRÊMIO SE REELITIZA

O objetivo desta parte do capítulo é apresentar as evidências que nos permite crer que o Grêmio tem se incluído na tendência observada na Europa e que já está corrente também no Brasil de readequação do espaço “estádio de futebol”, o que, como consequência última, creditamos a reelitização do futebol.

Como fonte básica de pesquisa, utilizaremos do material publicado pelo Grêmio sobre o projeto da Arena⁷¹, novamente do jornal Correio do Povo e dos borderôs publicados pela CBF, de todos os jogos do Campeonato Brasileiro desde 2004.⁷² Procuo nestes materiais extrações que nos habilitam ver o novo estádio como ferramenta elitizadora, adequada ao fenômeno de encarecimento dos ingressos.

O referido material publicado pelo Grêmio sobre a Arena foi nomeado Projeto Arena e constitui-se de uma apresentação do planejamento. Segundo este, o plano de adequação do Grêmio ao novo modelo tem início em maio de 2006, com a execução do Plano Diretor Patrimonial do Grêmio, cuja motivação foi a inadequação do Grêmio ao chamado “Padrão FIFA”. Um dos tópicos iniciais deste plano diretor previa o estudo comparativo dos benefícios e prejuízos entre um novo estádio e a reforma do Estádio Olímpico.

Em novembro de 2006, findou-se o “estudo de pré-viabilidade para construção de um novo estádio”, concluindo que o “Estádio Olímpico não atende às expectativas do Grêmio” devido a:

⁶⁹ Informação disponível no Site do Grêmio, em <http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=estadio&language=0>, acessado em 24 de novembro de 2009.

⁷⁰ Os anexos T, U, V, X e Z ilustram a construção do anel superior do Estádio Olímpico.

⁷¹ GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE. Apresentação: Projeto Arena. Porto Alegre. Disponível em: http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=id_709&language=0. Acesso em: 24 de novembro de 2009.

⁷² Os borderôs estão disponíveis em <http://www.cbf.com.br/seriea/>, acessado em 24 de novembro de 2009.

tempo de vida da construção, alto custo da manutenção, baixo padrão de conforto, serviços de baixa qualidade, segurança deficiente, estacionamento insuficiente, localização em região estrangulada, total desconformidade com o padrão FIFA

O Estádio Olímpico agora se transforma, portanto, no antônimo do desejado pelo novo modelo que o Grêmio quer adotar.

Parte-se, então, à busca de investidores que pretendam financiar o investimento do novo estádio, e em março de 2008 é selecionada a “proposta final para construção da Arena do Grêmio”⁷³. Esta proposta prevê um “moderno complexo esportivo, de eventos, empresarial e residencial”,⁷⁴ situado no Bairro Humaitá, o “Corredor de Desenvolvimento”⁷⁵ e “auto-sustentável financeira e ecologicamente”.⁷⁶ Resumindo, acoplado ao estádio de futebol, ter-se-á Shopping Center, Centro de Eventos, Hotel, Residencial e Centro Empresarial.⁷⁷ Sobre a capacidade da Arena, é anunciado que 52.398 torcedores terão lugares sentados⁷⁸, conforme a exigência da FIFA, tendo capacidade para 130 camarotes e 2.700 cadeiras VIP’s⁷⁹. Terá também “acomodações especiais para VIP’s e imprensa”, “segurança” e “muito conforto”,⁸⁰ além de estacionamentos para 5.600 vagas.⁸¹

Fica claro que esta infra-estrutura não se destina à grande massa. Terá acesso ao estádio quem tiver recursos financeiros de pagar caro por ele, uma vez que dentro da Arena, o indivíduo se encontrará em ambiente seguro e confortável, com bons serviços, shopping em anexo e estacionamento para seu carro.

De forma geral, este preço já está sendo pago. Comprova-se o fato ao ser conferido os borderôs publicados no *site* da CBF, a cada jogo do Campeonato Brasileiro, desde 2004. A pesquisa se deu delimitando uma pequena amostra, incluindo o preço do ingresso de arquibancada nos primeiros jogos, nos últimos jogos e nos Gre-Nais, todos no Estádio Olímpico, nos anos de 2004, 2006, 2007, 2008 e 2009. Assim, para o ano de 2004 a média do valor do ingresso de arquibancada foi de 11,66 reais⁸²; em 2006, de 21,66 reais;⁸³ em 2007, de 33,33 reais;⁸⁴ em 2008, dos mesmos 33,33 reais;⁸⁵ e em 2009, de 40 reais.⁸⁶ Isto é, no

⁷³ Apresentação 1, Slide 11.

⁷⁴ Apresentação 1, Slide 14.

⁷⁵ Apresentação 1, Slide 15.

⁷⁶ Apresentação 1, Slide 16.

⁷⁷ Apresentação 1, Slides 19 e 20.

⁷⁸ Apresentação 2, Slide 5.

⁷⁹ Apresentação 2, Slide 8.

⁸⁰ Apresentação 2, Slides 6 e 7.

⁸¹ Apresentação 2, Slide 9.

⁸² Primeiro jogo: 10 reais; último jogo: 10 reais; Gre-Nal: 15 reais.

⁸³ Primeiro jogo: 15 reais; último jogo: 20 reais; Gre-Nal: 30 reais.

⁸⁴ Primeiro jogo: 30 reais; último jogo: 30 reais; Gre-Nal: 40 reais.

intervalo de seis anos de referência da pesquisa, observou-se uma quadruplicação do valor do ingresso médio de arquibancada nos jogos do Campeonato Brasileiro no Estádio Olímpico.

A fim de comparação, nos basearemos no crescimento do salário mínimo aplicado no Estado do Rio Grande do Sul: em 2004, o salário mínimo era de 338 reais, em 2005, de 374,67 reais; em 2006, de 405,95 reais; em 2007, de 430,23; em 2008, de 477,4; em 2009, de 511,29. Em suma, para o mesmo período o salário mínimo aumentou cerca de 51%.⁸⁷

É evidente esta defasagem e o conseqüente distanciamento do estádio de futebol para as camadas baixas da sociedade. Percebendo isto, incipientemente, uma reportagem no Jornal Correio do Povo traz: “Ingressos acessíveis na Arena”.⁸⁸ De forma muito otimista, a reportagem diz que

Mais do que uma Arena com padrão de qualidade de Primeiro Mundo, a boa notícia para o torcedor do Grêmio é que o preço dos ingressos deve se manter acessível ou pelo menos semelhante ao aplicado atualmente. De acordo com estimativas feitas pelas duas propostas apresentadas no Conselho Deliberativo na segunda-feira, o temor de que o novo estádio opte apenas por um público mais elitizado foi dissipado.

Concluindo, mesmo que a Arena do Grêmio, hoje em dia seja somente um projeto, o que não define que ela se realize; o modelo de estádio que ela propõe é, inegavelmente, de caráter excludente e repressivo, se apoiando nos exemplos europeus, onde a participação das torcidas tem sido cada vez mais intimidada com a presença de um forte aparato de segurança, o que gera medo e a artificialização da manifestação. Sob o domínio da FIFA, mesmo países em desenvolvimento, que na prática não possuem habilitação para construção dos seus estádios, aquele modelo tem sido implementado forçosamente.

⁸⁵ Primeiro jogo: 30 reais; último jogo: 30 reais; Gre-Nal: 40 reais.

⁸⁶ Primeiro jogo: 40 reais; último jogo: 40 reais; Gre-Nal: 40 reais.

⁸⁷ Informações obtidas do site Portal Brasil, disponível em: <http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm>, acesso em: 24 de novembro de 2009.

⁸⁸ Correio do Povo, 29 de novembro de 2007.

CONCLUSÃO

Como já reportado diversas vezes, este trabalho teve a intenção de verificar, através dos estádios de futebol, o processo de reelitização que este esporte tem sido submetido, desde a década de 1990, na Europa e recentemente no Brasil. Para tanto, a estratégia se centrou em verificar as alternâncias de classes sociais como hegemônicas no futebol – primeiro capítulo – e especificamente a atuação dos estádios neste processo – segundo capítulo. A título ilustrativo, nós selecionamos o Grêmio como personagem, associando-o àquela teorização, em razão da sua história ser marcada pela presença de dois estádios de futebol, que representam fielmente as duas primeiras fases do futebol brasileiro, a elitizada e a popular, e atualmente conta com um plano de construção do seu terceiro estádio de futebol, o qual satisfaz os interesses das altas classes sociais.

Tratamos, também, das motivações que levaram cada um dos períodos se tornarem possíveis. De forma geral, o futebol, e mais genericamente os esportes, surgem como necessários para o alívio dos instintos agressivos, suprimidos pela convivência harmônica em sociedade. Seu papel concentra-se, portanto, na criação de uma válvula de escape das tensões internas e conseqüente manifestação da violência de forma regrada e controlada, a fim de manter a sua integridade física e a dos outros.

O futebol então foi adotado pela elite inglesa de meados do século XIX como ferramenta pedagógica. Ou seja, ele se constituiu necessário à medida que as universidades inglesas precisavam criar métodos para extravasar os instintos violentos criados pela convivência em grupos confinados de jovens. Além desta, a adoção das atividades físicas respondia a um pensamento da época de superioridade dos mais fortes, na esteira do evolucionismo darwinista, chamado “darwinismo social”. Franco Júnior lembrou, então, da necessidade de forjar elementos da elite aptos a governar a mais poderosa potência mundial.

Estudamos então a popularização do futebol brasileiro, situada nos anos 20 e 30, numa época de fortalecimento dos setores subalternos da sociedade, com a legislação

trabalhista, fruto de uma política governamental populista. Dentro desta política, destaca-se o interesse na constituição de uma identidade nacional; ou seja, a busca da resposta para “quem é o brasileiro?”, onde os diversos elementos culturais, dentre eles a musicais, a literatura, a culinária e o esportes, necessitava m ser definidos, e o futebol foi o correspondente do último destes parâmetros culturais. Catalisador deste processo foi o desenvolvimento do rádio e sua importante atuação como veículo de massas.

A construção dos estádios de futebol como resposta a este pensamento, encarado aqui como sua materialização, teve surgimento com o Pacaembu, em São Paulo, e o Maracanã, no Rio de Janeiro. E a partir da idéia envolta no estádio fluminense, pulverizam-se estádios de grande capacidade pelo território brasileiro, nas décadas de 1950, 1960 e, principalmente, 1970. Este modelo foi predominante até os anos 1990, quando então os interesses mudaram.

Como causas primeiras desta mudança são apontadas à violência observada nos estádios de futebol, principalmente dos *hooligans* ingleses. A partir de estudos britânicos, constatou-se a necessidade da reformulação dos estádios, de forma se constituir mais seguros. Foi assim, então, que num período de tempo muito curto, todos os clubes que participavam do Campeonato Inglês se viram obrigados a moldar seus patrimônios às exigências de segurança. Padrão este rapidamente adotado pela FIFA e aplicado na Europa continental, e, também, recentemente, aos outros continentes. Em virtude disto, é que se daria o surgimento de um novo modelo de estádio, o qual a Arena do Grêmio é um representante.

Entretanto, somente esta explicação não é suficiente. Ela só se torna viável pois contempla, também, interesses econômicos. Assim, maiores quantias de dinheiro associados ao futebol estão em circulação, seja pela participação acionária dos clubes nas Bolsas de Valores, pela utilização das marcas – de jogadores e clubes – por parte de outras empresas, pelos contratos de direitos de televisionamento dos jogos, pagos em grande parte por clientes dos planos pay-per-view, pela criação de um mercado de produtos ligados aos clubes, às seleções e aos jogadores, ou pelo encarecimento dos ingressos nos estádios de futebol.

Não obstante, alguns pensadores têm atrelado o fenômeno da reelitização do futebol e do público freqüentador dos estádios a outra razão. Além das motivações econômicas e de segurança, outra consequência – ou seria causa? – das mudanças propostas pelas reformulações dos estádios de futebol é a possibilidade da aplicação do mecanismo, proposto por Bentham no século XIX, do “panóptico”. Este pensador planejou um sistema que aperfeiçoasse a monitoração nos presídios, que Gaffney define assim:

o panóptico era uma prisão projetada para tornar desnecessário o exercício físico do poder sobre os presos. Uma torre central observava a cela ocupada por “um louco, um paciente, um homem condenado, um trabalhador ou um estudante escolar”, onde ações individuais eram imediatamente observáveis e classificáveis. O efeito do mecanismo panóptico era arranjar as pessoas no espaço de modo que a multidão é “abolida e substituída por uma coleção de individualidades separadas”. Atomizada, a multidão se torna ela própria num mecanismo disciplinador, continuamente modificando o comportamento porque eles nunca podem ter certeza de que há alguém na torre (2009, p. 24)

Então, estudando o conceito do século XIX, que então se restringia a uma estratégia exclusiva à observação de presos, Foucault projetou o sistema da teoria carcerária à prática de controle social:

O panóptico tornou-se metáfora recorrente de técnicas modernas de controle social. As instituições controladas por profissionais da educação, dos serviços de saúde e do direito são tipicamente instaladas em prédios onde o público é individualizado e passível de ser inspecionado. Além disso, o panóptico foi adaptado ao controle dos espaços públicos. Desde o final da década de 1970, a instalação de câmeras de vigilância deixou de ser exclusiva das instalações militares e de territórios ocupados e fabricas, e passou a ser usada nas grandes avenidas, em estacionamentos e shoppings modernos. [...] Nos estádios, a tecnologia de vigilância é avançadíssima. As câmeras de CCTV (circuito fechado de televisão) são ligadas a uma unidade central de controle equipada com inúmeros monitores (GIULIANOTTI, 2002, p. 111)⁸⁹.

Aplicando-se o conceito no moderno estádio de futebol, compreende-se o motivo das exigências da FIFA quanto a lugares com assentos, e dezenas de câmeras que possibilitem a visibilidade completa do estádio. O espaço, que outrora viabilizava a formação de multidões agora se transforma num ambiente

consistente com a “distribuição combinada de corpos, superfícies, luzes e olhares” do panóptico, em “um arranjo onde os mecanismos internos produzem a relação que prendem os indivíduos”. Os manuais de projeto de estádios são explícitos na quantidade de espaço cúbico destinado a cada assento – criando celas limitadas espacialmente aonde o torcedor torna-se o “princípio de sua própria sujeição”. O mecanismo estrutural do assento cria corpos dóceis que podem ser observados e controlados através de mecanismos panópticos implícitos ou explícitos. O mecanismo social da multidão multiplica o efeito através da imposição de normas comportamentais onde o desvio é rapidamente extirpado (GAFFNEY, 2009, p. 24)

⁸⁹ Giulianotti descreve o que já acontecia na Eurocopa de 1996 e se torna a tendência mundial num futuro próximo: “os locais dos jogos foram equipados com ‘videofaxes’ que transferiram gravações de filmes de torcedores de futebol por meio de linhas de telecomunicação comuns. Teoricamente, receptores de dados nas delegacias de polícia estariam preparados para comparar torcedores filmados com os arquivos de pessoas já classificadas pelo serviço de inteligência da polícia (BALE, 1993^a, p. 127, citado por GIULIANOTTI, 2002, p. 111)

Desta forma, Gaffney conclui que “o estádio é um dos lugares mais vigiados da cidade e pode ser considerado como um arquétipo do mecanismo panóptico” (2009, p. 24).

O processo de reforma dos estádios de futebol tem se tornado obrigatório mediante o acréscimo de poder obtido pela FIFA, a partir da gestão João Havelange, iniciada em 1974, fato este que, segundo Murray, foi o “principal evento futebolístico de 1974”, deixando em segundo plano a Copa do Mundo da Alemanha.

A importância da eleição do brasileiro de origem belga reside na ampliação da abrangência daquela entidade, tornando-a verdadeiramente global:

Quando os países asiáticos e africanos boicotaram a Copa do Mundo de 1966, poucas pessoas deram atenção ao assunto, mas em 1974 esses países não podiam mais ser ignorados. Em meados da década de 1950, havia apenas 18 países asiáticos e 5 africanos entre os 80 países afiliados à FIFA. Duas décadas depois, constituíam mais a metade dos 141 países filiados à Fifa: 39 países da África (inclusive a África do Sul e a Rodésia, ambos suspensos) e 33 da Ásia. A FIFA reunia então seis confederações continentais, que abarcavam o mundo todo (MURRAY, Bill, 2000, p. 174).

Legitimada pelo número de coligados e pela inexistência de uma organização concorrente, a FIFA se firma como entidade soberana, criando, até mesmo, sistemas jurídicos próprios em cada país, e não subordinados às cortes nacionais. Dessa forma, algum clube que se sinta lesado por alguma decisão dos tribunais esportivos fica impedido de interpor a decisão na justiça comum, sob pena de ser desfiliação das confederações e impossibilitado de participar dos campeonatos.

É devido a este grande domínio exercido pela entidade máxima que clubes de países pobres se vêem obrigados a se adequar ao “padrão FIFA”. E sem dinheiro para fazer por meios próprios, acabam requisitando do capital estrangeiro, como acontece na relação do Grêmio com a construtora OAS. E não somente nos países em desenvolvimento, como ver-se-á pelo caso do inglês:

As novas exigências transformaram a economia do esporte. Para financiar a reconstrução de seus estádios, os antigos proprietários, na maioria pequenos empresários que se fizeram por conta própria, importaram montanhas de capital novo. Grande parte dele veio de espertos investidores urbanos que percebiam que o futebol tinha um mercado cativo gigante e sólidas fontes de lucro inexploradas. As novas instalações incluíam luxuosas suítes executivas alugadas a grandes empresas. Os clubes lançaram ações na bolsa de valores, aumentaram o preço do ingresso e

venderam os direitos de transmissão dos jogos da Liga ao serviço de TV por satélite de Rupert Murdoch. O plano funcionou perfeitamente. Um novo tipo de torcedor, mais abastado, começou a frequentar os jogos em estádios mais seguros e confortáveis. Pela primeira vez viam-se muitas mulheres nas arquibancadas (FOER, 2005, p. 88 e 89).

Este processo resulta também na perda das identidades locais, em detrimento de um modelo homogêneo aplicado a todos, diferenciando-os apenas pela cor da camiseta e o patrocinador estampado:

o capitalismo das multinacionais priva as instituições locais de seu caráter local, homogeneiza, destrói tradições e destitui os proletários e camponeses nativos das coisas de que mais gostam. É fácil entender como esse argumento se aplicaria ao futebol inglês de maneira geral, e particularmente ao Chelsea. Quando fui a um jogo no Stamford Bridge, estava acompanhado de um banqueiro norte-americano e sua namorada latino-americana. Nós nos sentamos numa parte do estádio que Alan Garrison um dia dominou com seu bando de desordeiros. Mas em comparação com os torcedores de Glasgow, com suas músicas ofensivas, a torcida do Chelsea parecia a platéia de uma sinfonia, com apenas uns poucos fortões murmurando obscenidades incendiárias a meia-voz. Conscientemente, falavam suas vulgaridades para si mesmos, de modo que os policiais que vigiavam a multidão com suas câmeras manuais não pudessem vê-los e assim não tivessem motivo para privá-los de seus ingressos (FOER, 2005, p. 89)

Agostino traz em seu último capítulo as previsões de Jacques Attali sobre o futuro do futebol:

Em seu controverso Dicionário do Século XXI, estabelece um argumento instigante em relação ao futuro do futebol. Segundo o autor, o esporte vai perder sua identificação com o sentimento nacional ou regional, sendo completamente controlado não so pelas grandes corporações econômicas, como também pela mídia com sua dinâmica vinculada às exigências de uma programação televisiva intensa, capaz de potencializar toda a emoção e a violência do jogo em um espaço concentrado entre um comercial e outro. Possível ou não, a “experiência” proposta por Attali se coaduna perfeitamente com o processo de espetacularização do futebol promovido ao longo de todo o século XX, mas de fato acelerado nas suas últimas décadas, acompanhando pari passu as sucessivas revoluções tecnológicas que marcaram o período (AGOSTINO, 2002, p. 264).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVOS

Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho

Memorial do Grêmio Hermínio Bittencourt

Museu de Comunicação José Hipólito da Costa

PERIÓDICOS

Jornal Correio do Povo

Revista do Grêmio

Revista Placar

História Ilustrada do Grêmio, 6 volumes.

Revista do Grêmio 70, 5 volumes.

LIVROS

AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

COIMBRA, David (et al.). A História dos Grenais. Porto Alegre: L&PM, 2009.

DIENSTMANN, Cláudio., Campeonato Gaúcho: 68 Anos de História, 2ª ed. Porto Alegre. Sulina, 1987.

ELIAS, Norbert & DUNNING,. Introdução. In: Deporte y ocio en el proceso de la civilización. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992.

FERREIRA, João Fernando. A construção do Pacaembu. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FOER, Franklin. Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FRAGA, Gerson Wasen. "A derrota do Jeca" na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Ano de Obtenção: 2009.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GALEANO, Eduardo. Futebol ao sol e à sombra. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUAZZELLI, César A. B.. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da “província de chuteiras”. Verso e Reverso. Ano. 16, Nº 34 (2002), pp. 37 – 67.

GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

MASCARENHAS, Gilmar. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 23, p. 17-39, 1999.

MASCARENHAS, Gilmar. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS). Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 11, p. 144-161, 1999.

MASCARENHAS, Gilmar. Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: Por uma Geografia do Futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. São Paulo: USP, 2001. Tese (Doutorado em Geografia), Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2001.

MOURA, Gisella de Araújo. O Rio corre para o Maracanã. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MURRAY, Bill. Uma história do futebol. São Paulo: Hedra, 2000.

PIRES, Edison. História do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense – passado e presente de um grande clube. s/d.

RIBEIRO, Luís. (org.). Futebol e Globalização. Jundiaí: Fontoura, 2007.

SPOLAORE, Gianfranco. Coração Tricolor: a história completa do Grêmio de 1903 a 2007. Porto Alegre: Editora Alcance, 2008.

SITES

Site Oficial do Grêmio, disponível em

http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=id_709&language=0

Site ClicRBS, disponível em <http://www.clicrbs.com.br>

Site da Confederação Brasileira de Futebol, disponível em <http://www.cbf.com.br/seriea/>

Site Oficial do Atlético Paranaense, disponível em <http://www.atleticoparanaense.com/arena>

Site Portal Brasil, disponível em <http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm>

Site World Stadiums, disponível em

http://www.worldstadiums.com/south_america/countries/brazil.shtml

ANEXO A



Figura 1 - Sobreposição de mapas do bairro Moinhos de Vento: o antigo e o atual.

ANEXO B

Figura 2 - Levantamento aerofotogramétrico realizado entre 1939 e 1941, do bairro Moinhos de Vento.

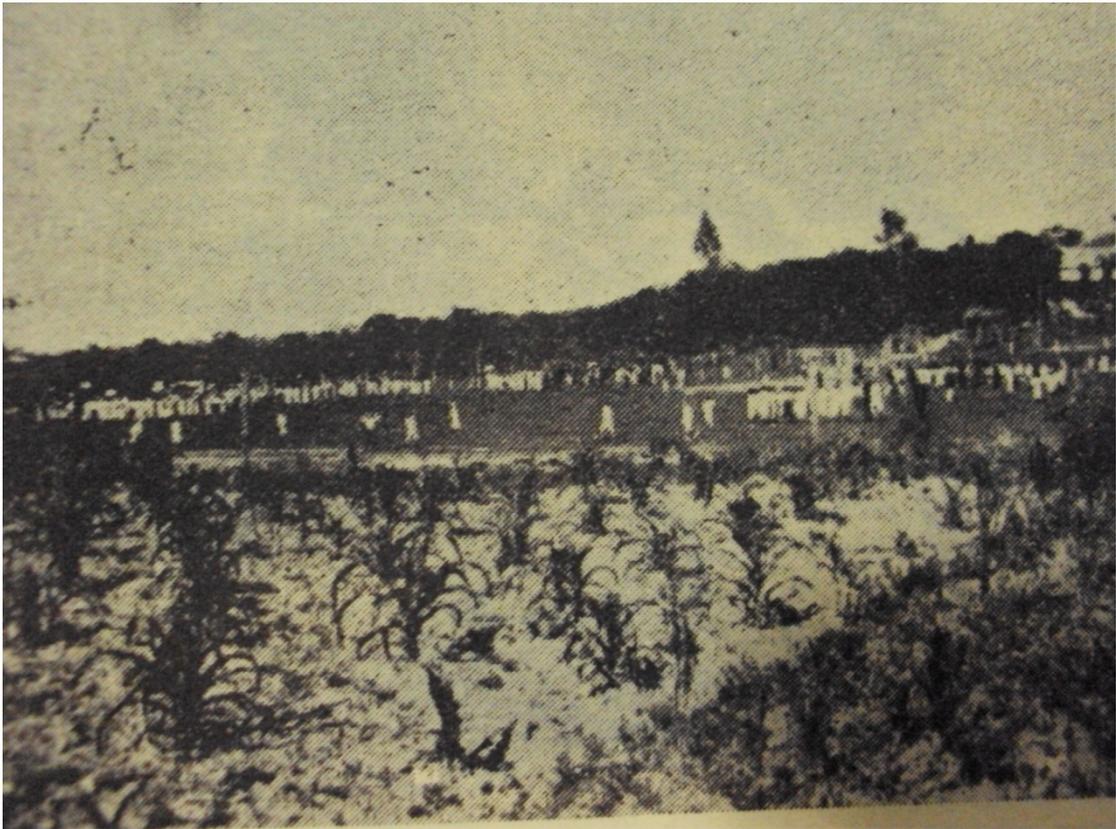
ANEXO C

Figura 3 - Foto do campo dos Moinhos de Vento. Da época anterior a 1912, pois não apresenta pavilhão social.

ANEXO D

Figura 4 - Outra foto do campo dos Moinhos de Vento, anterior a 1912.

ANEXO E



Figura 5 - Foto do Estádio dos Moinhos de Vento, a partir da Rua Mostardeiro,

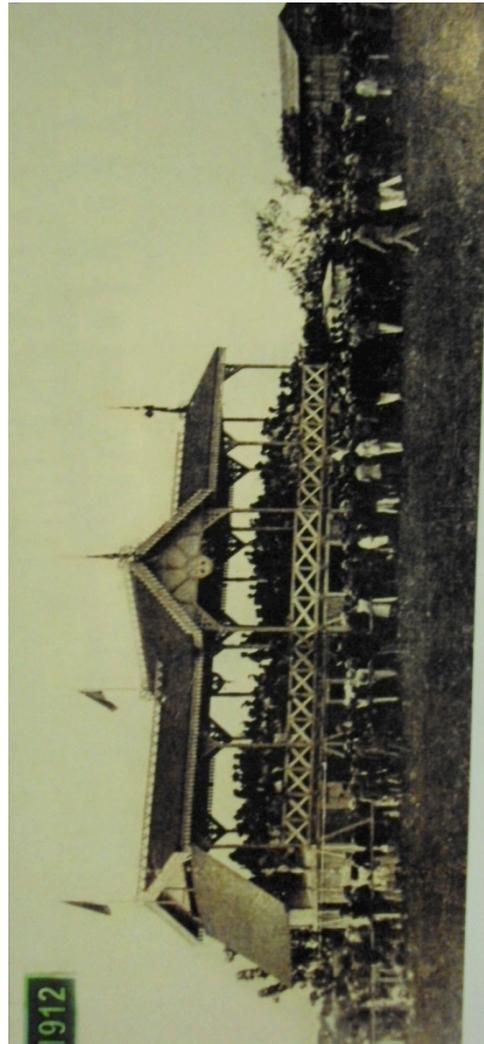
ANEXO F

Figura 6 - O primeiro pavilhão social do Estádio da Baixada.

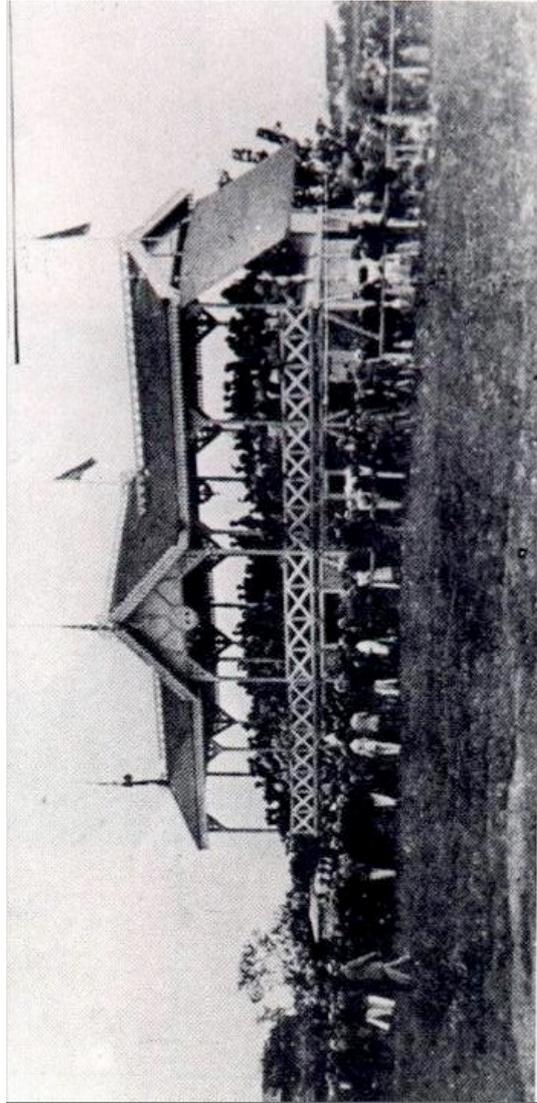
ANEXO G

Figura 7 - Outra foto do primeiro pavilhão do Estádio da Baixada.

ANEXO H



Figura 8 - Jogo no Estádio da Baixada, entre 1912 e 1918.

ANEXO I

Figura 9 - O segundo pavilhão do Estádio da Baixada, entre 1918 e 1944.

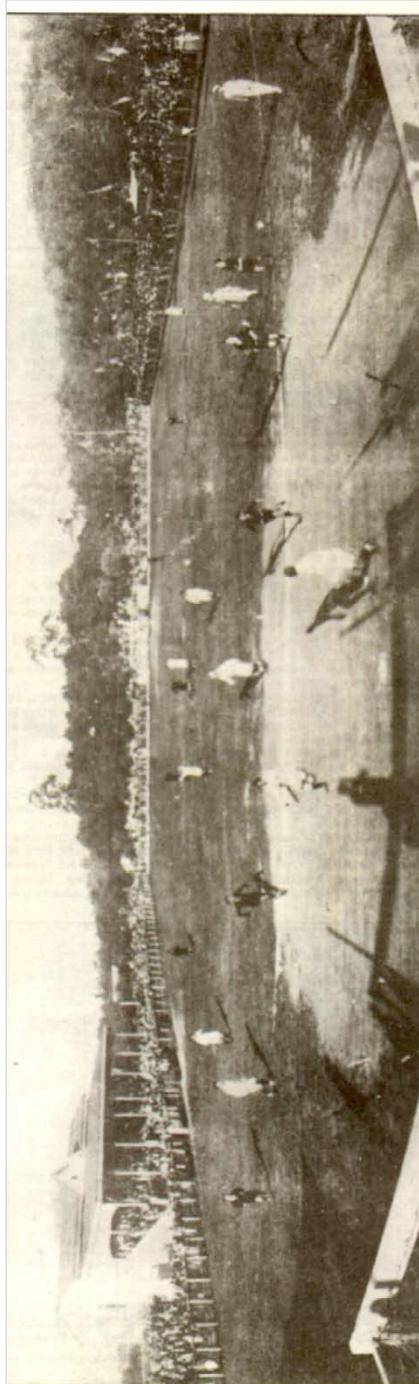
ANEXO J

Figura 10 - Jogo no Estádio da Baixada, em 1921, Grêmio e Brasil de Pelotas.

ANEXO L

Figura 11 - Estádio da Baixada

ANEXO M

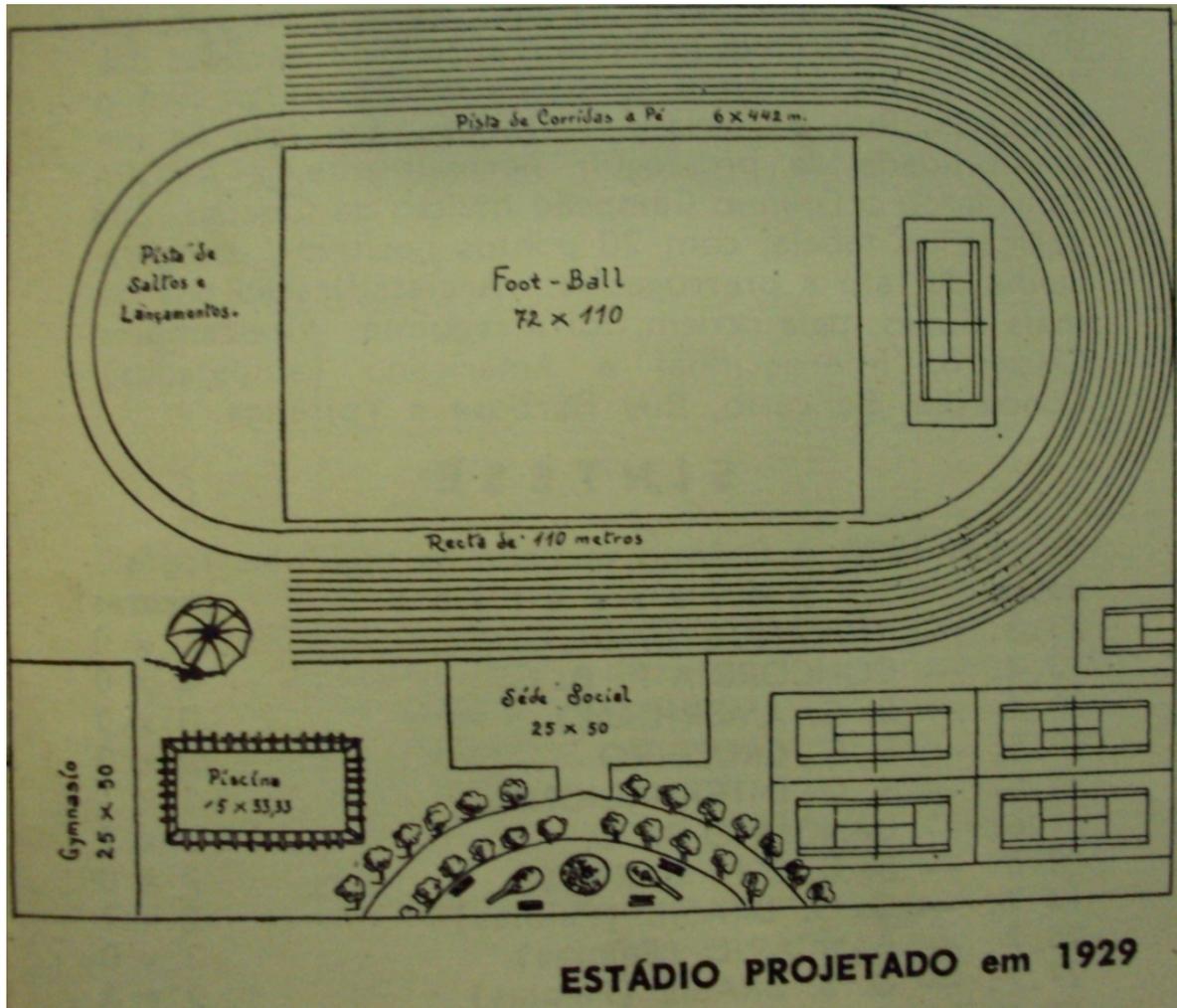


Figura 12 - Planta do estádio projetado em 1929.

ANEXO N



Figura 13 - Demolição do segundo pavilhão social, em 1939.

ANEXO O



Figura 14 - O projeto do Estádio Olímpico

ANEXO P

Figura 15 - Assinatura da permuta das áreas do Estádio da Baixada e do Estádio Olímpico, em 1941.

ANEXO Q

Figura 16 - Início das obras do Estádio Olímpico

ANEXO R

Figura 17 - Estádio Olímpico em construção

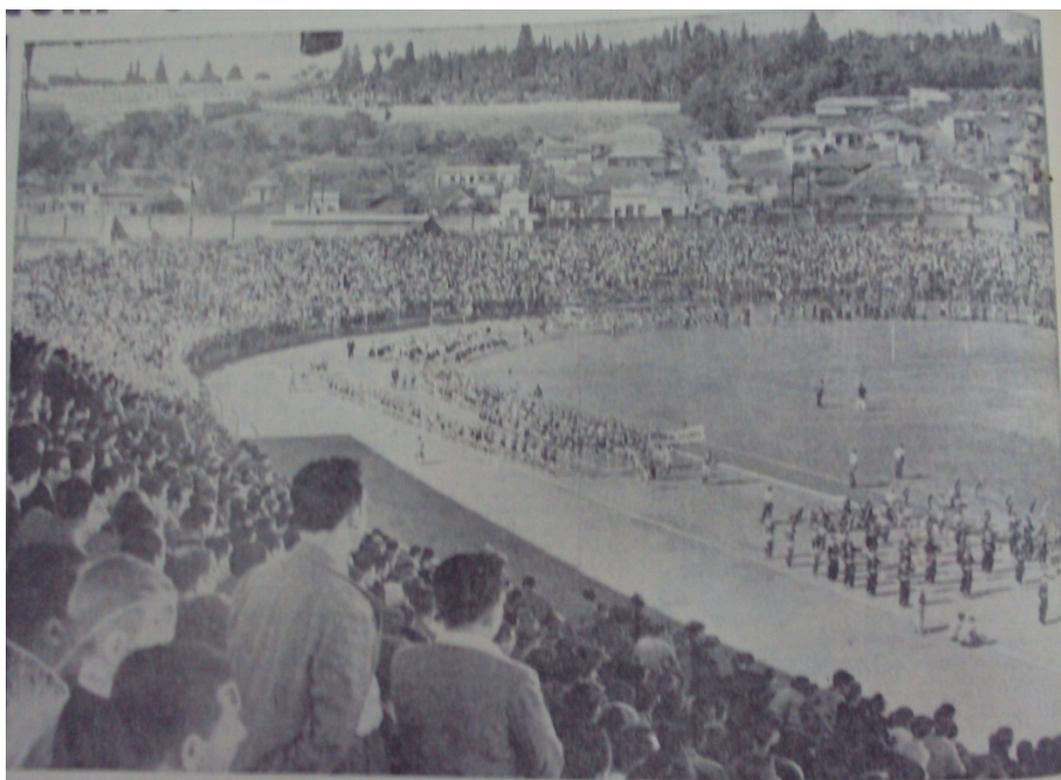
ANEXO S

Figura 18 - Inauguração do Estádio Olímpico, foto da reportagem do Correio do Povo, em 21 de setembro de 1954.

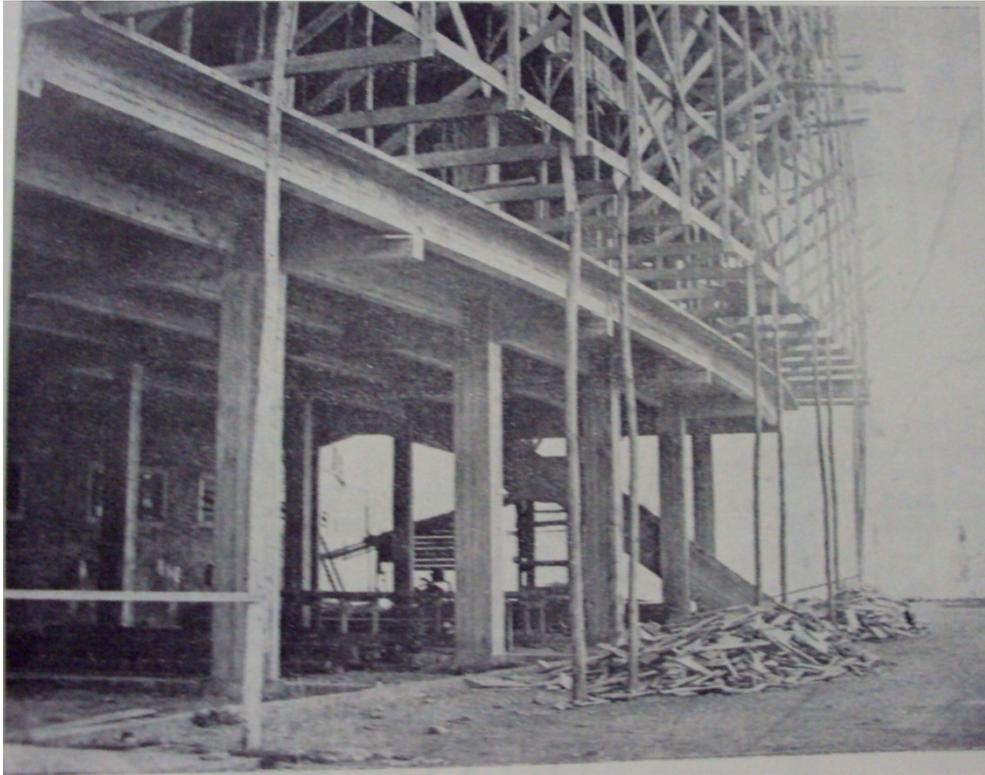
ANEXO T

Figura 19 - Estádio Olímpico Monumental em construção I

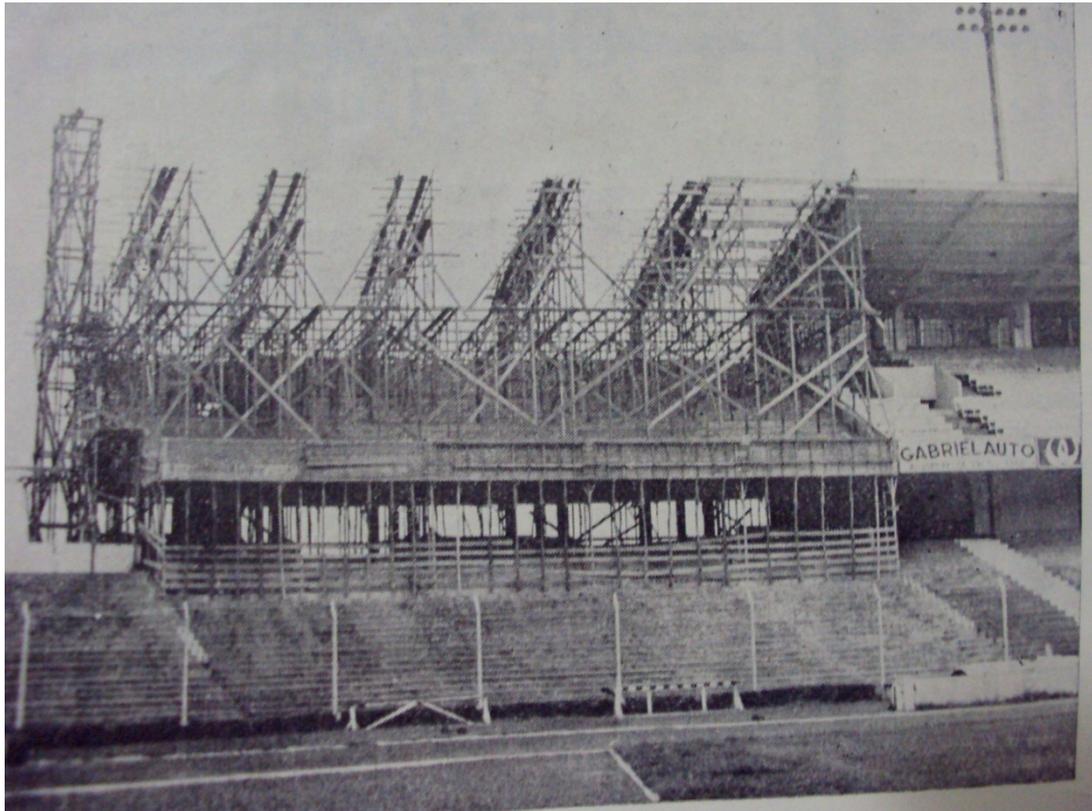
ANEXO U

Figura 20 - Estádio Olímpico Monumental em construção II

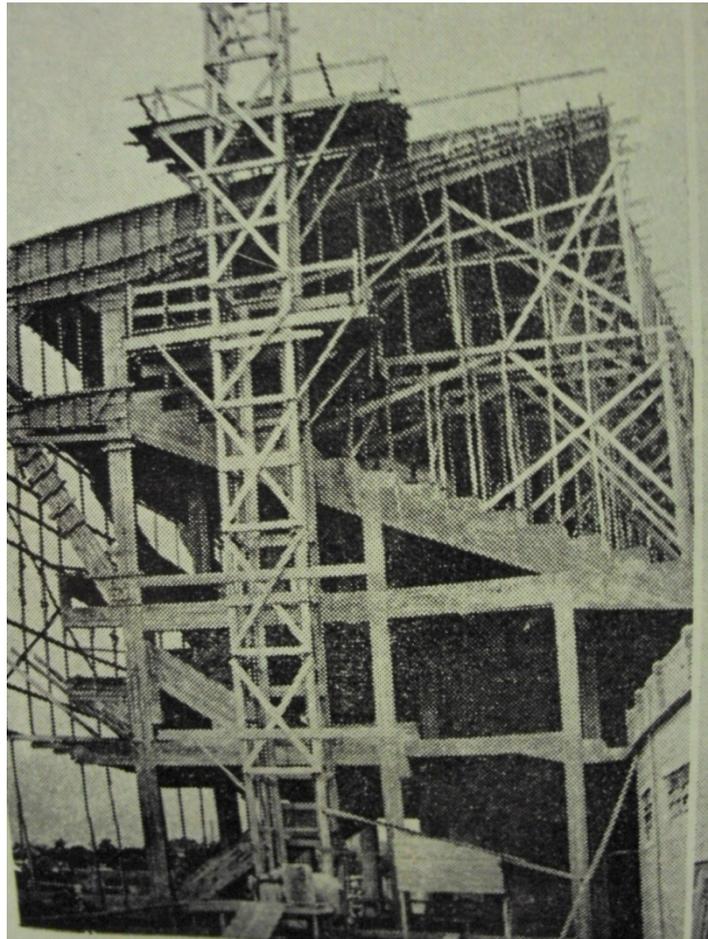
ANEXO V

Figura 21 - Estádio Olímpico Monumental em construção III

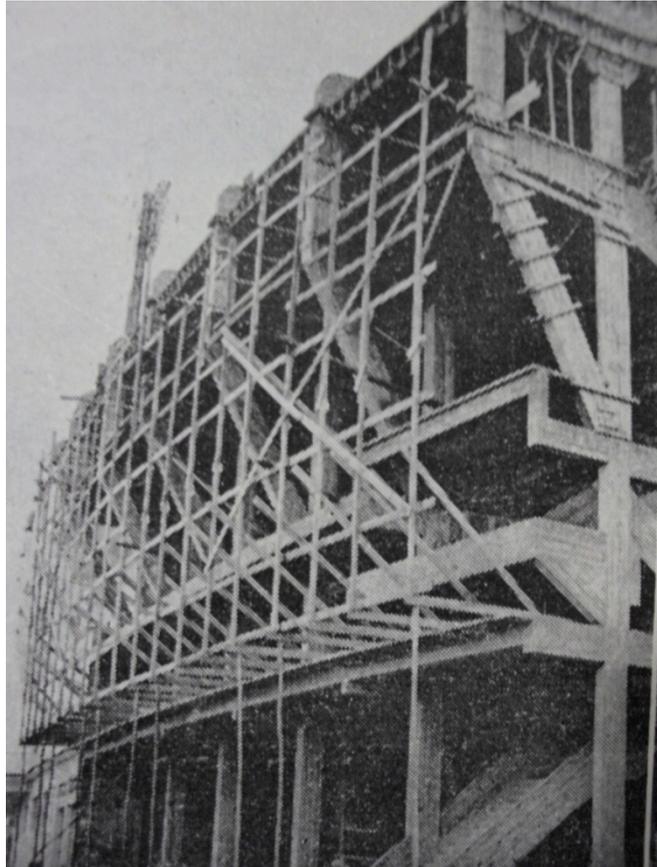
ANEXO X

Figura 22 - Estádio Olímpico Monumental em construção IV

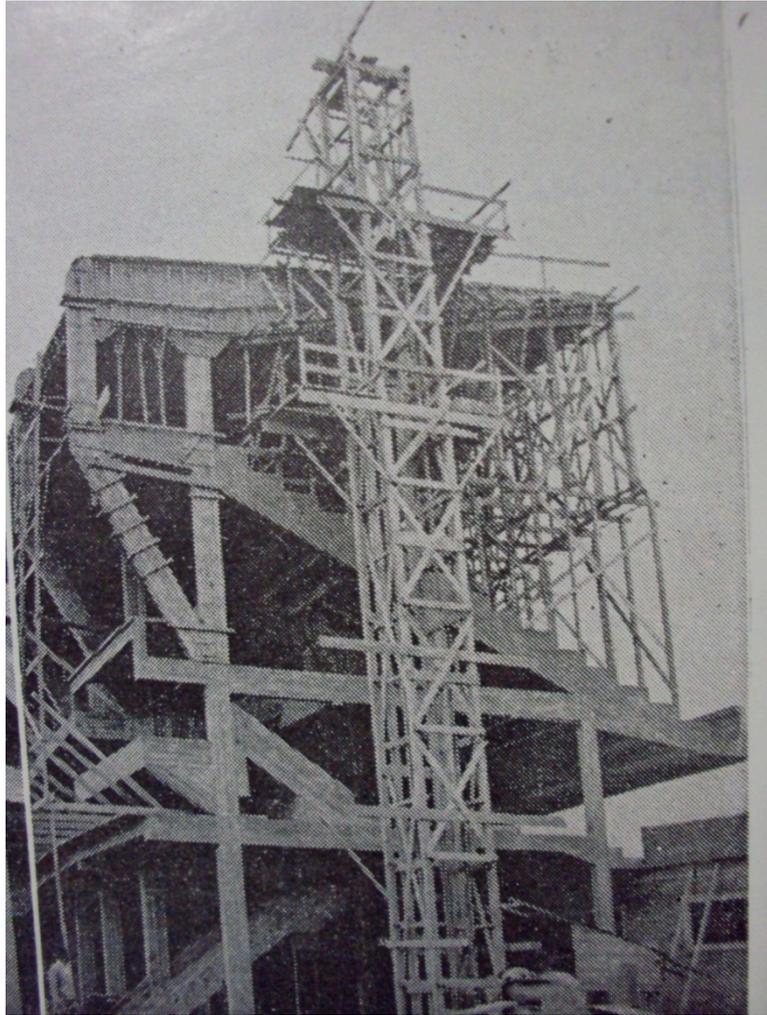
ANEXO Z

Figura 23 - Estádio Olímpico Monumental em construção V